

GISELLE GERMANO

**RELAÇÕES ENTRE A PEDAGOGIA DA COOPERAÇÃO E A AUTOFORMAÇÃO
DO GRUPO ABRAÇO CULTURAL**

SÃO PAULO

2017

GISELLE GERMANO

**RELAÇÕES ENTRE A PEDAGOGIA DA COOPERAÇÃO E A AUTOFORMAÇÃO
DO GRUPO ABRAÇO CULTURAL**

Trabalho de conclusão de curso para
obtenção do título de pós-graduação em
pedagogia da cooperação metodologias
cooperativas apresentado à
Universidade Paulista – UNIP.

Orientadora: Prof^a Dra. Vera Lucia de
Souza Silva

SÃO PAULO

2017

GISELLE GERMANO

**RELAÇÕES ENTRE A PEDAGOGIA DA COOPERAÇÃO E A AUTOFORMAÇÃO
DO GRUPO ABRAÇO CULTURAL**

Trabalho de Conclusão de
Curso para obtenção do título de
Pós-Graduado em Pedagogia da
Cooperação Metodologias
Cooperativas apresentado à
Universidade Paulista - UNIP.

Aprovada em: 25/08/2017

BANCA EXAMINADORA:

Prof.: Dra. Vera Lúcia de Souza Silva
Projeto Cooperação - PROCOOP

Prof.: Andrea Leoncini
Projeto Cooperação - PROCOOP

Fábio Brotto
Projeto Cooperação - PROCOOP

Germano, Giselle

Relações entre pedagogia da cooperação e autoformação: aplicação de metodologias colaborativas na ONG abraço cultural / Giselle Germano – São Paulo, 2017.

99 f.: il. color., fotografias, gráficos, tabelas

Trabalho de conclusão de curso (especialização) – apresentado à pós-graduação *lato sensu* da Universidade Paulista, São Paulo, 2017.

Área de concentração: Educação, Desenvolvimento Humano, Políticas Públicas.

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho aos meus filhos Arthur e Leonardo que me ensinaram na maternidade a força criativa e a beleza da cooperação!

AGRADECIMENTOS

Sou grata ao Projeto Cooperação pela criação de um espaço acadêmico de estudo e exercício das habilidades humanas. Escola onde tive a felicidade de integrar a terceira turma de São Paulo, a Unibulição: agradeço a essa amada comunidade por toda a bela jornada de aprendizagem partilhada. Gratidão as “fadas” Ana Beatriz Hosken, Beatriz Cardoso e Patrícia Nelzita que comigo abraçaram essa oportunidade de levar a cooperação para o mundo, foi incrível o que fizemos e vivemos juntas. Agradeço imensamente a Vera, por toda orientação, inspiração e por conceber lindamente o nosso grupo. Agradeço também a Andrea Leoncini por ter acreditado no nosso projeto e por fazer parte! Aos queridos companheiros do Abraço Cultural que tornaram essa singular experiência possível, serei eternamente grata! Gratidão a minha família que é minha maior riqueza, pelo apoio incondicional, amor e humor, que me permitem existir!

“Pertencer à nossa família é nossa necessidade básica. Esse vínculo é o nosso desejo mais profundo. A necessidade de pertencer a ela vai além até mesmo da nossa necessidade de sobreviver. Isso significa que estamos dispostos a sacrificar e entregar nossa vida pela necessidade de pertencer a ela”. Bert Hellinger – A cura pg 17.

RESUMO

O objetivo desse trabalho é investigar como a jornada de experiências pelas sete práticas da Pedagogia da Cooperação à luz da autoformação, transforma o indivíduo e o coletivo, contribuindo para o desenvolvimento de um grupo de professores e coordenadores da Escola de Idiomas e Cultura Abraço Cultural. Uma Organização não governamental que tem como propósito integrar refugiados à sociedade brasileira a partir de oportunidades de geração de renda como professores nativos de árabe, espanhol, francês ou inglês, mediante um método inovador de ensino, que valoriza a troca de experiências e diferenças culturais. Foram 13 participantes no total, oriundos de 9 nacionalidades diferentes. A metodologia adotada foi a pesquisa-ação e a natureza do estudo foi qualitativa. As técnicas escolhidas para coleta das informações foram: documentação indireta (site e apresentação institucional) e material produzido durante a aplicação (questionários inicial e final, registro fotográfico, material escrito produzido pelo público, gravação do áudio de todo o processo, transcrições, além das nossas observações). Ficou claro o impacto que o percurso pelas sete práticas da Pedagogia da Cooperação, criando espaços equânimes de fala e escuta, além do estímulo da partilha das histórias individuais, teve no revelar das identidades pessoais e no florescer da identidade coletiva, favorecendo o surgimento de um grupo. Evidenciando um processo de auto-formação, a partir da ampliação da consciência sobre a relevância do protagonismo de cada ator abraçado pelo projeto na construção de um bem comum onde todos se sintam representados.

ABSTRACT

The objective of this project is to investigate how the seven practices part of Pedagogia da Cooperação in the light of the Autoformation can empower people: both individually and collectively. The public of this research are Professors and Coordinators of a language and culture school, called Abraço Cultural. This Non governmental organization aims to integrate migrants and refugees in Brazilian society providing new work opportunities and income generation for native language teachers of Arabic, Spanish, French and English. The teaching method is innovative. It values the cultural diversity and the classes involve the sharing of culture in English. This research had thirteen participants from nine different nationalities. The work's methodology was the research-action and it was a qualitative study. The chosen techniques to collect the information were: indirect documentation (site and institutional presentation) and the material produced during the application (questionnaires and other writing registers, photographic documentation, recordings of the process and the researcher's observations and perceptions). The impact of Pedagogia da Cooperação journey in this team is evident. It contributed to the creation of genuine and authentic spaces of interaction and dialogue, activating the active-listening and conscious talking. The interaction, the exchange of individual stories among the group connected them and established the collective identity of this team. It increased their consciousness about the importance of each person's participation and engagement to build a Project that represent their own needs and values.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Integração novos professores	33
Figura 2- Dança Circular.....	33
Figura 3 Mensagem aos participantes.....	40
Figuras 4 Participantes confeccionando seus crachás customizados	41
Figura 5 - Centro do primeiro dia.....	43
Figuras 6 - Conhecendo e criando sinergia para com-viver	44
Figura 7- Roda de Fofoca - Diálogos.....	45
Figuras 8- Dinâmica do Click- Olhares da Realidade	47
Figura 9 - Arte da Gastronomia - Recreio Coletivo	50
Figura 10 - A paixão de Dizer	51
Figura 11 - Construção coletiva do Contrato	54
Figura 12 - Contrato elaborado coletivamente.....	57
Figura 13 - Mensagem no quadro no segundo dia	59
Figura 14 - Almoço com Atmosfera Familiar.....	60
Figura 15 - Olá em seu idioma nativo	62
Figura 16- Compartilhando Inquietações.....	64
Figura 17 - Compartilhando aprendizados do dia anterior.....	68
Figura 18 - Centro do terceiro dia com Abayomi	70
Figura 19 - Mensagem do último dia	73
Figura 20 - Trocas de aprendizados	75
Figura 21 - Construção da memória coletiva da jornada da Pedagogia da Cooperação	77
Figura 22 - Memória coletiva - a linha do tempo.....	77
Figura 23 - Dinâmica João Confiança.....	79
Figura 24 - Projeto de Convivência do Abraço Cultural.....	80
Figura 25 - hora recreio coletivo	81
Figura 26- Show de Talentos com magia e leitura de poesia	81
Figura 27 - Em circulo compartilhamos nossos sentimentos desta incrível jornada	82
Figura 28 - Família Abraço Cultural	83
Figura 29 - Gráfico do resultado questionário inicial aplicado.....	85
Figura 30 - Comemoração de 2 anos do Abraço Cultural.....	91

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 Descrição das atividades para o dia 1	36
Tabela 2 Descrição das atividades para o dia 2	37
Tabela 3 Descrição das atividades para o dia 3	38
Tabela 4 Descrição das atividades para o dia 4	39

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	APLICAÇÃO DA PEDAGOGIA DA COOPERAÇÃO	15
2.1	REVISÃO TÉORICA	15
2.2	METODOLOGIA DE PESQUISA	27
2.3	PÚBLICO-ALVO.....	30
2.4	QUESTIONÁRIO APLICADO COM INTEGRANTES DO ABRAÇO CULTURAL	30
2.5	METODOLOGIA DE APLICAÇÃO	30
2.6	COM TATO ANTES DA APLICAÇÃO	31
2.7	DIA 1 – COM-TATO E COM-TRATO	39
2.8	COM-TRATO	54
2.9	DIA 2 – COMPARTILHAR INQUIETAÇÕES E FORTALECER ALIANÇAS E PARCERIAS	58
2.10	DIA 3 – SOLUÇÕES COM-UNS E PROJETOS COOPERAÇÃO	67
2.11	DIA 4 CELEBRAÇÃO.....	73
3	ANALISE DE DADOS DOS QUESTIONÁRIOS APLICADOS	84
3.1	ACONTECIMENTOS PÓS APLICAÇÃO DA METODOLOGIA.....	89
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	92
5	APENDICES	97
5.1	QUESTIONÁRIOS APLICADOS.....	97
5.2	MODELO DE AUTORIZAÇÃO DE IMAGEM	98
6	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	99

1 INTRODUÇÃO

Vivemos uma era de desconexão com a natureza, esquecidos que somos também a própria natureza. Não reconhecemos que fazemos parte de uma comunidade planetária e assim adoecemos enquanto humanidade e agonizamos a espera da chegada de um novo tempo, de um “salvador”. Nossa existência prevê interdependência, o que nos diz que qualquer ação ou não ação impacta em todo o sistema. Então, somos todos agentes de transformação da realidade.

Apaixonada pelo poder transformador da Pedagogia da Cooperação evidenciado em mim, o objetivo essencial deste trabalho é investigar as relações entre a Pedagogia da Cooperação e a autoformação do grupo Abraço Cultural e como a jornada de experiências pelas sete práticas dessa Pedagogia do Ser, transforma o indivíduo e o coletivo, promovendo uma Comum-Unidade.

A Pedagogia da Cooperação tem como propósito criar ambientes colaborativos que ampliem a visão de mundo sob uma perspectiva transdisciplinar, sistêmica, orgânica, sustentável e complexa.

Galvani e Gaston Pineau definem a autoformação como um processo tripolar ou tridimensional de formação do ser: o polo ecoformação (interação com os elementos formadores do meio ambiente físico ou social), o polo heteroformação (interação com os outros) e polo autoformação (tomada de consciência e retroação de si sobre si e sobre as interações com meio ambiente e com os outros).

Entendo que aplicar as sete práticas da Pedagogia da Cooperação é considerar esta tríade do processo de ensino aprendizagem, contemplando a integridade do ser humano e favorecendo a ampliação das múltiplas consciências.

O Abraço Cultural visa inserir o refugiado no mercado de trabalho brasileiro e ser o elo de encontro, diálogo e integração das múltiplas culturas envolvidas neste processo de construção de uma Comum-Unidade entre os povos.

Um dos desafios identificado pelo grupo na busca desta Comunidade é promover o engajamento dos professores imigrantes e fazer com que se sintam parte do projeto e não a parte.

Acredito que a aplicação das sete práticas favorecem a tomada de consciência da autoformação, suportando a compreensão da relevância do

protagonismo de cada ator abraçado pelo projeto Abraço Cultural na construção de um bem comum onde todos se sintam representados.

2 APLICAÇÃO DA PEDAGOGIA DA COOPERAÇÃO

2.1 REVISÃO TEÓRICA

Segundo Fábio Otuzi Brotto (BROTTO; 2016 p.1) “o propósito essencial da Pedagogia da Cooperação é criar ambientes colaborativos onde cada pessoa, grupo, organização e comunidade possa VenSer plenamente quem é para poder SerVir mais completamente ao bem comum”. Podemos dizer que a dinâmica da Pedagogia da Cooperação contribui para um mundo melhor porque viabiliza a legitimação da nossa humanidade, a partir de uma abordagem integral do ser humano e da ampliação da nossa consciência de interdependência com o outro e com o meio ambiente. Estimula a competência no lugar da concorrência, contribuindo para que cada um explicita o seu “melhor” no lugar de querer “ser o melhor”.

Ao promover uma jornada orgânica de “ensinagem”, distribuída em diferentes momentos e passos, a Pedagogia da Cooperação gera transformação individual e coletiva a partir de vivências significativas e da reflexão e conscientização a respeito dessas experiências.

Visando promover a reflexão e a tomada de consciência do nosso público a respeito do protagonismo de cada um e da nossa condição de interdependência, entendemos que é fundamental contemplarmos na nossa agenda de aplicação espaços de reflexão e partilha dos insights e sensações a cada momento crítico vivenciado no percurso da Pedagogia da Cooperação.

A Pedagogia da Cooperação está fundamentada em quatro momentos transdisciplinares: referencial teórico e prático, princípios e processos. Na sequência, um breve panorama de cada um desses eixos fundamentais.

2.1.1 REFERENCIAL TEÓRICO: PRINCÍPIOS E PROCEDIMENTOS DA PEDAGOGIA DA COOPERAÇÃO.

Os quatro Princípios da Pedagogia da Cooperação são: Co-existência; Comvivência; Cooperação; e Comum-Unidade:

1º Princípio: Co-Existência: segundo Brotto (BROTTO; 2016 p.4) “Compreender que estamos Todos Juntos num mesmo e Grande Jogo-Vida e que seja lá o que alguém pensa, sente, faz ou não faz afeta todos os outros e é afetado por todo mundo, sem exceção, é condição fundamental para avançar neste processo de aprimoramento da Coexistência Humana”. Porém, nem sempre se tem consciência dessa Interdependência, por isso a importância da recuperação da consciência dessa inteireza, integralidade e re-conexão.

2º Princípio: Com-Vivência: este princípio tem como base a inclusão, não apenas daquilo que julgamos ser deficiente, mas de tudo que é diferente. Reconhecer as belezas e dificuldades do outro é aceitar a nossa própria “integralidade”, o que cria um ambiente favorável para que cada um venha a Ser quem Se É. Para Fábio Brotto (BROTTO; 2016 p.5), o segredo da Com-Vivência está em manter “uma mente-inclusiva como um princípio ativo e para poder acolher as diferenças no outro e no mundo, como reflexos da gente mesmo.”

3º Princípio: Cooperação: Brotto (BROTTO; 2016 p.7) ressalta que é possível escolher o que se quer ser como pessoa e como sociedade e destaca que para Maturana cooperar é “uma característica de vida cotidiana fundamentada na confiança e no respeito mútuo” (BROTTO; 2016 P.8). Cooperar, então, exige exercício cotidiano de cumplicidade e solidariedade consigo mesmo, com o outro e com o ambiente.

4º Princípio: Comum-Unidade: Considerando a necessidade de liberdade individual e a necessidade de relacionamento do ser humano, o desafio para vivermos em comum-unidade está em criar espaços que favoreçam a reflexão sobre como ser e fazer juntos algo que, sozinho, ninguém seria capaz de ser-e-fazer tão bem e tão plenamente (BROTTO, 2016 p.10).

“Considerando a Co-Existência como um fato da vida, a Com-Vivência como uma condição social e a Cooperação como uma prática diária, pode-se imaginar a Comum-Unidade como o ambiente adequado para cultivar o Espírito de Grupo” (BROTTO, 2016, p.9)

Entendendo que os quatro princípios são os fundamentos de uma cultura cooperativa, adotaremos essas como categorias de análise da nossa aplicação.

Os procedimentos consistem em suportar o percurso da Pedagogia da Cooperação, conferindo “forma” às metodologias, são eles:

- Circulo e o Centro: na roda todos são vistos como iguais e no Centro está aquilo que é essencial para o grupo.

- Ensino Cooperativo: Convivência (vivência compartilhada); Consciência (reflexão sobre a experiência vivida); Compartilha Essência (compartilhar insights) e Transcendência (aplicar/experimentar no dia a dia)

- Do simples para o complexo

- Ser Mestre-e-Aprendiz: Criar e manter um ambiente de Co-Educação.

- Começar e terminar Juntos: importante para conferir sensação de time.

2.1.2 REFERENCIAL PRÁTICO: PROCESSOS FACILITADORES DA COOPERAÇÃO E AS SETE PRÁTICAS DA PEDAGOGIA DA COOPERAÇÃO.

Fábio Brotto chama de Processos as diversas metodologias colaborativas, que podem ser entendidas como estratégias de ensino-aprendizagem que reconhecem o saber prévio que cada um traz, a construção do conhecimento como resultado da interação e privilegiam o aprender “fazendo”, o compartilhar de experiências e a autonomia do aprendiz no seu processo de aprendizagem. São exemplos desses processos: Jogos Cooperativos, Danças Circulares, Diálogo, Comunicação Não-Violenta, World Café, Open Space, Dragon Dreaming, Investigação Apreciativa, Práticas Meditativas, Processos Circulares, Oásis, MusiCooperação e Aprendizagem Cooperativa.

Imaginamos usar as Danças Circulares para os momentos iniciais e finais de cada encontro, criando um ambiente acolhedor e descontraído; Diálogo para partilha; World Café adaptado para geração de insights, ampliação de possibilidades e consenso; Contação de Histórias para suscitar reflexões; Psicodrama para síntese e adotar como fio condutor processos circulares e aprendizagem cooperativa.

As práticas da Pedagogia da Cooperação, são sete, contudo precisamos estar conscientes da importância do exercício permanente das quatro Pequenas Virtudes: Desapego, Integridade, Plena Atenção e Abertura para Compartilhar

“Cultivando um mundo onde todos podem VenSer juntos. Fazer COM-TATO (Conectar): Promover o contato, aproximação e integração (com acolhimento e valorização das diferenças). Estabelecer COM-TRATO (Cuidar): Estabelecer Acordos de Cooperação e de Com-Vivência (Atividades que estimulem o compartilhar, a comunicação genuína, o diálogo aberto e empático, onde todos os “pedidos” são bem-vindos e aceitos sem julgamento). Compartilhar IN-QUIETA-AÇÕES (Compartilhar): Compartilhar perguntas, dúvidas, inquietações e incertezas sobre o tema/foco do encontro. Habilidade de fazer e receber perguntas sem preocupação com as respostas. Fortalecer ALIANÇAS & PARCERIAS (Confiar): Exercitar habilidades de com-vivência para restaurar e/ou fortalecer as relações de parceria e cooperação no grupo (Relacionamento Colaborativo). Reunir SOLUÇÕES COMO-UNS (Cocriar): Fazer a colheita de todas as ideias, sugestões, dicas, comentários, insights e respostas para as perguntas produzidas na terceira Prática (In- Quieta-Ações). Realizar PROJETOS DE COOPERAÇÃO (Cultivar): Transferir para o dia-a-dia a realização das Soluções Comuns encontradas. Celebrar o VENSER (Celebrar): Reconhecer a cada passo da caminhada as aprendizagens pessoais e coletivas conseguidas. Celebrar o exercício do VenSer quem se é para poder SerVir melhor ao mundo.” ((BROTTO, 2016, p.16).

Utilizaremos essa sequência natural das sete práticas como eixo norteador de construção da agenda. Entretanto, nossa jornada será distribuída em quatro dias, e será necessário retomar algumas práticas a cada dia para conferir fluidez e organicidade ao processo. Iniciaremos cada novo encontro refazendo a prática do Com-tato, por exemplo.

2.1.3 AUTOFORMAÇÃO

Segundo Galvani a chave para mudar a visão destruidora de mundo que impera na era atual é inverter o eixo da educação para uma abordagem interior: a autoformação. Para ele, o desequilíbrio ecológico e a crise antropológica que estamos vivendo são resultado da adoção de uma visão reducionista, materialista e fragmentadora. Visão que restringe o real apenas ao nível de realidade material e o ser humano ao indivíduo racional, egoísta e econômico. Além disso, compartimentaliza toda a produção humana, dividindo nosso conhecimento em disciplinas, nossas culturas, potencializando o surgimento de ideologias nacionalistas.

“Educar considerando a autoformação exige uma perspectiva transdisciplinar (para avaliar os níveis de realidade dos conceitos de auto e de formação) e uma transcultural (por ser uma trajetória antropológica)”. (GALVANI; 2002 p.1)

Na trajetória antropológica, a formação é um processo tripolar, e os três polos são: a autoformação (si), a heteroformação (outros – ambiente sócio cultural) e a ecoformação (as coisas – ambiente físico-climático).

“ A autoformação é constituída pela tomada de consciência e de retroação sobre as influências heteroformativas e ecoformativas” (GALVANI, 2002; p.3).

Nesse sentido, a autoformação evidencia a construção do conhecimento pelo sujeito, ampliando a concepção de educação como apenas transmissão-aquisição de conhecimento.

O fluxo contínuo e incessante de interação de si com os outros e com as coisas, gera três processos de retroação:

“...de si sobre si (subjetivação), retroação sobre o meio ambiente social (socialização) e retroação sobre o meio ambiente físico (ecologização)” (GALVANI; 2002, p.4).

“Esse círculo reflexivo contínuo dos autos ou da si faz emergir diferentes níveis de consciência que são nomeados conforme os diferentes regimes do trajeto antropológico. Regime diurno do trajeto antropológico: a autoformação como manifestação de si - nível de realidade no qual o sujeito emerge de maneira heróica opondo-se aos determinismos” (GALVANI, 2002 p. 4).

Talvez tenha chegado o momento de a antropologia se voltar para o interior. Antes de estudar os outros, precisamos explorar nossa visão de mundo e suas transformações sejam filosóficas, socioeconômicas, ecológicas e espirituais.

“Uma antropologia da intercompreensão da experiência vivida deve ser inventada, pois hoje em dia todos são conduzidos a viver a experiência transcultural.” (GALVANI, 2002,P.13).

Entendemos que a autoformação é então a tomada de consciência a partir das retroações das interações entre a pessoa e o meio ambiente. Essas interações também podem ocorrer em diferentes níveis, sendo estes:

“Nível prático das interações sensório-motoras: a autoformação se atualiza como tomada de consciência dos esquemas de interação operatórias gestuais, mas também intelectuais, sociais, afetivas. (GALVANI,2002, P.8)”

Segundo Galvani, nível simbólico das interações imaginária e mitopoética: a autoformação se atualiza como tomada de consciência das formas simbólicas e dos relatos históricos, segundo Pineau. Nesse nível, a autoformação é a tomada de consciência das histórias, lendas e hábitos pessoais, familiares, sociais e culturais que nos formaram e nós formamos e transformamos.

Nível da linguagem conceitual epistêmica: nesse nível, a autoformação é o processo de análise e de produção de significados a partir de sua experiência. Esse

nível é particularmente desenvolvido na formação experiencial com predominância racional e científica.

“A forma de exploração da autoformação deve considerar o nível de realidade da formação e acontecer de acordo com o nível de interação ao qual ela se aplica. Entretanto, é importante lembrar que apesar de serem práticas distintas, a dinâmica de interiorização e de retroação dos autos lhes dá uma estrutura comum, interligando-as’. (GALVANI; 2002, P.9)

Galvani confere especial atenção à exploração transcultural da autoformação, com ênfase na dimensão simbólica, pois acredita que o símbolo reserva em si o caráter do terceiro incluído de toda a representação humana:

“é de fato, ao mesmo tempo transpessoal e transdisciplinar e transcultural. O imaginário simbólico funciona por interferência transdutiva do sentido. O sentido passa do singular a outro singular sem passar por uma lei, por um princípio ou por um conceito geral”. (GALVANI,2002, p.10).

Para ele, o símbolo transcende as limitações dos níveis de realidade e é multi referencial por essência, como o exemplo do círculo, que pode ter um significado geométrico, metafísico ou ético. É entendido como uma potencialidade semântica, conforme:

“ ...à palavra sempre velada do símbolo pode nos proteger do pior dos erros: o da descoberta de um sentido definitivo e último das coisas e dos seres.” (ALLEAU, GALVANI, 2002, p. 11).

Nesse sentido adotar a dimensão simbólica pode ajudar na abordagem transcultural da autoformação.

Conceber a autoformação como um processo vital e permanente obriga a ultrapassar as perspectivas pedagógica ou sociológica da educação, para entrar

numa perspectiva antropológica. Um processo vital e permanente deve concernir todos os seres humanos e ter uma dimensão transcultural. Portanto,

“ A abordagem transdisciplinar da autoformação é potencialmente transcultural, no sentido em que ela abre a possibilidade de explorar a experiência da formação em se abrindo para o que está entre, além e através de todas as culturas.” (GALVANI,2002, p.16)

Para Gaston Pineau (PINEAU; 2008, p.1), outro importante pensador da educação e parceiro da Galvani, a formação do indivíduo no decurso da vida, acontece também de maneira tridimensional, derivando da interação de três forças formadoras: Heteroformação (a ação dos outros), Ecoformação (a do meio ambiente físico) e Autoformação (a do eu). A autoformação é definida aqui como “apropriação por cada um do seu próprio poder de formação” (PINEAU, MARIÉ-MICHÉLE, PINEAU, 1983).

Pode ser entendida como a possibilidade de se libertar do conformismo cultural e dos determinismos produzidos pelo tecido social. Em última instância, um sopro salutar de rebeldia que cria uma dialética entre as forças formadoras, não reduzindo a formação à submissão ao meio e ao outro. Ato de protagonismo de aprendizagem, onde a pessoa é capaz de se reestruturar, atuando ao mesmo tempo como sujeito e objeto do seu processo educativo.

O ser vivo não resolve os seus problemas adaptando-se, ou seja, modificando a sua relação com o meio, mas sim modificando-se a si próprio, inventando estruturas interiores novas, introduzindo-se completamente na axiomática dos problemas vitais” (SIONDON, 1964, p.57, PINEAU, 2008, p.2)

Considerando que nosso público de aplicação da Pedagogia da Cooperação é constituído por adultos refugiados de diferentes nacionalidades e que chegam ao Brasil “deslocados” do seu contexto cultural, social e emocional, pretendemos avaliar à luz da autoformação o poder da pedagogia da cooperação na reestruturação do “eu”, como mecanismo de sobrevivência, para favorecer a adaptação e construção de uma nova realidade.

Segundo Pineau (PINEUA; 2008, p.4) destaca que autoformação é também uma abordagem dinâmica da formação, que entende esta como uma prática infinita, traduzida na seguinte frase de René Barbier “Formar-se, uma interrogação permanente” (Barbier, 1984, p.101, GALVANI, 2002, p12). Diferente das concepções evolutivas, em que a formação acompanha o ciclo biológico do ser humano: “experiência, estabilização e recuo” (MILLER e FORM, p.130, PINEAU, 2008, p. 4).

“Uma conclusão interessante e significativa de um estudo realizado nos anos 1980-81, no Québec, por meio de entrevistas, com mais de 780 adultos em fase ativa de trabalho, mostrou que o adulto no trabalho, na contramão da concepção evolutiva, vive mais momentos de interrogação do que de estabilidade. Entendendo que a mudança é uma constante neste cenário de vida, a abordagem clássica linear da carreira profissional é posta em cheque”. (PINEAU; 2002, p.4)

A perspectiva dinâmica da autoformação, que integra a constante mudança da vida adulta e profissional, bem como a não linearidade na carreira, fazem eco à realidade do Abraço Cultural, que “abraça” o grupo de imigrantes numa oportunidade inédita de trabalho como porta de entrada para uma vida nova no Brasil.

Outro fator importante da autoformação destacado por Pineau (PINEAU; ano? p.7-8) é a abordagem das histórias de vida:

“...considerando a concepção relacional e ecológica da pessoa com os diferentes espaços (Lebert, 1984, PINEAU, 2008): corporal, metafísico, habitat, espaço dos amigos e família, vizinhança, social e físico cósmico (G. Pineau, Marie-Michèle, 1983, p. 241, PINEAU, 2008). As transações com estes espaços geram uma estrutura particular eu-mundo (J. Nuttin, 1965, PINEAU, 2008) que impacta diretamente na autoformação, pois são práticas carregadas de sentido, estabelecendo o elo entre: passado e futuro, consciente e

inconsciente, elementos externos e internos. (PINEAU, 2008, p.8).

Pretendemos ter este olhar para história de vida de cada membro do grupo e como as práticas da pedagogia da cooperação contribuem para transformar a relação heterônoma com alguns destes espaços em relação autônoma, onde os indivíduos passem a dominar mais a relação com os outros do que ser atomizado, isolado, refugiado vulnerável às relações sociais dominantes.

2.1.4 CONTEXTO SOBRE O TEMA REFUGIADOS

Em 2013, por conta de numerosos conflitos armados pelo mundo e catástrofes como a que aconteceu no Haiti, o número de refugiados e imigrantes no Brasil triplicou segundo relatório do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados-ACNUR.

O governo brasileiro publicou em 2014 uma pesquisa realizada pelo Comitê Nacional para os Refugiados-CONARE, órgão vinculado ao Ministério da Justiça, que em 2012 foram feitos 2,1 mil pedidos de refúgio, e em 2013 foram 5,2 mil.

“Esse cenário fez com que a quantidade de refugiados no Brasil dobrasse em dois anos - atualmente são 8.400, segundo relatório da ACNUR. A entidade já havia alertado em 2013 sobre essa perspectiva com base em um crescimento vertiginoso de pessoas obrigadas a deixar seus países por causa de conflitos armados. Somente no primeiro semestre daquele ano foram contabilizadas 5,9 milhões de pessoas no mundo nessa situação - no ano anterior, 7,6 milhões haviam se tornado refugiados.” (Revista UOL, 2015).

Dados recentes do Ministério da Justiça e Segurança Pública revelaram o crescimento significativo de refugiados no ano de 2016.

“Segundo publicação do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados¹ – Acnur, no primeiro semestre de 2016, 3,2 milhões de pessoas foram forçadas a sair de seus locais de residência devido a conflitos ou a perseguições – das quais 1,5 milhão são refugiadas ou solicitantes de refúgio. Desse modo, o número de refugiados sob mandato do Acnur aumentou para 16,5 milhões², dos quais 5,3 milhões são sírios. Conflitos na Nigéria, no Iêmen e no Sudão do Sul também têm gerado deslocamento de milhões de pessoas.” (CONARE, Brasil tem aumento de 12% no número de refugiados em 2016. (SITE MINISTÉRIO DA JUSTIÇA e SEGURANÇA PÚBLICA, 2017).

Outro dado significativo divulgado pelo CONARE é que é mais numerosa a busca por refúgio em homens (68%), ao passo que em mulheres o número cai para um pouco mais da metade (32%). Desses adultos a faixa etária que mais busca por refúgio é de 30 a 59 anos (47%) e de 18 a 29 anos (41%).

De acordo com o ACNUR - Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (2015) refugiados são pessoas que escaparam de conflitos armados ou perseguições. Com frequência, sua situação é tão perigosa e intolerável que devem cruzar fronteiras internacionais para buscar segurança nos países mais próximos, e então se tornarem um ‘refugiado’ reconhecido internacionalmente, com o acesso à assistência dos Estados, do ACNUR - Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados e de outras organizações. São reconhecidos como tal, precisamente porque é muito perigoso para eles voltarem ao seu país e necessitam de um asilo em algum outro lugar. Para estas pessoas, a negação de um asilo pode ter consequências vitais.

“O direito internacional define e protege os refugiados. A Convenção da ONU de 1951 sobre o Estatuto dos Refugiados e seu protocolo de 1967, assim como a Convenção da Organização da Unidade Africana –OUA pela qual se regularam os aspectos específicos dos problemas dos

refugiados na África em 1969 – ou a Declaração de Cartagena de 1984 sobre os Refugiados continuam sendo a chave da atual proteção dos refugiados”. (ACNUR,2017).

No presente artigo faz-se uma alerta para a necessária distinção entre migrantes e refugiados. Migrante, ainda segundo a ACNUR – Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados, é todo aquele que escolhe sair de seu país para obter melhores condições de vida em geral, para reunião familiar, dentre outros fatores.

“Enquanto tratam os refugiados aplicando normas sobre refúgio e a proteção dos refugiados - definidas tanto em leis nacionais como no direito internacional. Os países têm responsabilidades específicas frente a qualquer pessoa que solicite refúgio em seu território ou em suas fronteiras. O ACNUR - Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados ajuda os países a enfrentar suas responsabilidades de asilo e proteção”. (ACNUR,2017).

Seja qual for as circunstâncias dos migrantes fora de seu país eles continuam recebendo a proteção do seu governo, enquanto os refugiados não, já que não podem retornar ao seu país.

Portanto, o conhecimento dessa distinção pela população é necessário e a importância do uso do termo correto é crucial para garantirmos que pessoas na condição de refugiadas tenham os devidos direitos e proteção garantidos por lei internacional.

Assim como para o migrante é fundamental essa proteção que garanta os seus direitos humanos, para onde quer que faça migração. De acordo com documento publicado pelo Ministério da Justiça:

“A nova Lei de Migração, Lei nº 13.445, foi sancionada em maio de 2017 e entrará em vigor em novembro do mesmo ano. A Lei garante ao migrante, em condição de igualdade com os

nacionais, a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade”. (SITE MINISTÉRIO DA JUSTIÇA e SEGURANÇA PÚBLICA, 2017).

2.2 METODOLOGIA DE PESQUISA

Uma das funções da metodologia é nos ajudar na delimitação dos fatos a serem estudados. Todo fenômeno ou objeto pode ser estudado sob vários prismas ou pontos de vista diferentes. Cada trabalho deve focar sua atenção em alguns aspectos de determinados fenômenos e não sobre todos eles. Portanto, torna-se fundamental a delimitação precisa do objeto de estudo, bem como a maneira de pesquisá-lo.

Pesquisa é um conjunto de ações, propostas para encontrar a solução para um problema, que têm por base procedimentos racionais e sistemáticos. A pesquisa é realizada quando se tem um problema e não se têm informações para solucioná-lo.

Acreditamos que a metodologia é um instrumento que irá nos apontar caminhos a serem adotados, nos auxiliando a definir como, onde, com quem, com quê, quanto e de que maneira se pretende capturar a realidade e seus fenômenos.

Segundo Magda Alves:

“Trata-se do momento em que o pesquisador especifica o método que irá adotar para alcançar seus objetivos, optando por um tipo de pesquisa. Além do método, é também o momento de definir como irá se proceder à coleta de dados”.
(ALVES, 2003, p.52)

Partimos do pressuposto que não existe método melhor ou pior, mas o método mais adequado para a investigação de um determinado objeto/fenômeno.

Dessa forma, será apresentado, a seguir, o método utilizado neste trabalho, que leva em consideração os objetivos propostos e a postura investigativa assumida.

Primeiro, iremos tratar da natureza da pesquisa, fazendo a diferenciação da pesquisa básica para a aplicada; posteriormente, iremos cuidar da forma de

abordagem metodológica, passando ao método de investigação, tendo em vista seus objetivos e, enfim, a estratégia de pesquisa e seus procedimentos técnicos.

Optamos por uma pesquisa de natureza aplicada, exploratória, que se utilizará dos procedimentos técnicos de uma pesquisa-ação, em que os pesquisadores assumem um caráter participante.

“ Gil afirma que as pesquisas exploratórias têm como principal objetivo desenvolver e esclarecer determinadas ideias e conceitos”. (GIL, 1996, P.5)

Neste sentido, embora os estudos classificados como exploratórios sejam de caráter predominantemente descritivo, pretende-se ir além das descrições, buscando conceitualizar as interrelações entre os grupos envolvidos.

Segundo Magda Alves (2003):

“Pesquisa-ação: caracteriza-se por se realizar em estreita relação com uma ação ou problema coletivo, sendo que o pesquisador e os representantes da pesquisa estão mutuamente envolvidos de modo participativo. O planejamento da pesquisa-ação é flexível, posto que é determinado pela dinâmica das inter-relações havidas entre pesquisador e pesquisados...” (ALVES, 2003, p.55)

Com isso, o estudo será de natureza qualitativa, pois procuraremos “capturar” a situação em toda a sua extensão, além de levantarmos possíveis variáveis existentes, colheremos informações, examinaremos cada caso e montaremos um mapa geral.

Será investigado o público-alvo, quando haverá a oportunidade de fazer uma caracterização, conhecendo-se as variáveis envolvidas na pesquisa, a saber: o Grupo Abraço Cultural é uma organização não governamental, que existe desde julho de 2014, tem como propósito integrar refugiados à sociedade brasileira a partir

da promoção de troca de experiências, geração de renda e valorização das diferentes culturas.

O Abraço Cultural se define como uma escola de idiomas e cultura com cursos ministrados por professores nativos refugiados no Brasil. Atualmente, oferece nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro, cursos de Árabe, Espanhol, Francês e Inglês. Além de professor, existem as seguintes funções na Organização: Coordenação pedagógica (sendo um coordenador por idioma com objetivo de oferecer apoio pedagógico e capacitação continuada), Coordenação cultural (integração em atividades culturais com ênfase na cultura dos refugiados) e Comunicação (divulgação do projeto em todas as mídias sociais e imprensa). O ensino é baseado em uma metodologia própria e inovadora, que tem como foco principal a comunicação e a diversidade cultural como eixo. A cultura de cada professor é discutida nas aulas e são promovidas atividades culturais mensais abertas, além de workshops culturais sob demanda.

Nosso público será formado por professores e coordenadores pedagógicos do Abraço Cultural de São Paulo (sede original). Para Godoy:

“...um fenômeno pode ser melhor compreendido no contexto em que ocorre e do qual é parte, devendo ser analisado numa perspectiva integrada. Para tanto, o pesquisador vai a campo buscando “captar” o fenômeno em estudo, a partir da perspectiva das pessoas nele envolvidas, considerando todos os pontos de vista relevantes”. (GODOY, 1995, p.21).

Em relação as técnicas e métodos para coleta das informações, optamos por utilizar a documentação indireta (consulta feita em artigos, material de divulgação do Abraço Cultural, sites etc) e também todo o material produzido durante a aplicação, onde utilizaremos registro fotográfico, material escrito produzido (cartazes), gravação do áudio de todo o processo (transcrições), além das nossas observações e entrevistas.

Nossas categorias de análise serão os princípios da Pedagogia da Cooperação: Com-Vivência; Co-Existência; Co-Operação e Comum-Unidade.

2.3 PÚBLICO-ALVO

O público alvo deste trabalho era formado por adultos de nove nacionalidades diferentes (Benin, Brasil, Costa do Marfim, Cuba, Nigéria, Peru, República do Congo Síria e Venezuela.). Grupo formado por cinco homens com idades entre 32 e 49 anos, sendo 4 deles em situação de refúgio, e 1 migrante. Nove mulheres na faixa etária de 23 a 55 anos, sendo quatro delas brasileiras, duas migrantes, e três mulheres em situação de refúgio.

Do total de adultos, as quatro mulheres brasileiras são coordenadoras na ONG, e um homem sírio em situação de refúgio é coordenador e também professor na ONG. Todos os outros adultos são professores dos idiomas: árabe, espanhol ou inglês.

2.4 QUESTIONÁRIO APLICADO COM INTEGRANTES DO ABRAÇO CULTURAL

Aplicamos questionários no primeiro dia da aplicação e no último dia. O objetivo foi de coletar informações para avaliação dos resultados obtidos com a aplicação da pedagogia da cooperação. Foram disponibilizados em português e inglês.

2.5 METODOLOGIA DE APLICAÇÃO

Toda iniciativa de ensino-aprendizagem exige um método instrucional, que segundo Ruth Clark definiu, é a maneira como conteúdo e habilidades são apresentadas, praticadas e aprendidas. Na Pedagogia da Cooperação, Fábio Brotto chama as metodologias de Processos. (BROTTO; 2016 p.12)

A escolha da metodologia está diretamente relacionada ao público-alvo, objetivo da atividade e o impacto desejado. Considerando que nosso objeto de pesquisa é investigar as relações entre a pedagogia da cooperação e auto-formação na Comunidade Abraço Cultural, acreditamos no poder das metodologias ativas, que consideram o aprendiz protagonista de sua própria aprendizagem.

“Assim, aprendizagem ativa ocorre quando o aluno interage com o assunto em estudo – ouvindo, falando, perguntando, discutindo, fazendo e ensinando – sendo estimulado a construir o conhecimento ao invés de recebê-lo de forma passiva do professor. Em um ambiente de aprendizagem ativa, o professor atua como orientador, supervisor, facilitador do processo de aprendizagem, e não apenas como fonte única de informação e conhecimento (BARBOSA; MOURA, 2013, p.55).

Dentre as metodologias ativas, trabalharemos com metodologias colaborativas, tais como: Aprendizagem Cooperativa, Danças Circulares, Diálogo, Práticas Meditativas, Processos Circulares, Psicodrama, World Café, etc.

Desenhemos nossa jornada de “ensinagem” cooperativa tendo em vista os procedimentos que suportam a aplicação dessas metodologias/processos, que segundo BROTTTO; são:

“Círculo (todos ocupam lugar equânime e são vistos como iguais), centro (aquilo que é essencial ao grupo e precisa ser mantido aceso), ensinagem cooperativa (convivência, consciência, compartilha essência e transcendência), do mais simples para o mais complexo, ser mestre-aprendiz e começar e terminar juntos”. (BROTTTO, 2016, p.14,15)

2.6 COM TATO ANTES DA APLICAÇÃO

O processo de escolha e convite do público-alvo foi sem dúvida um ponto crítico da aplicação do TCC -trabalho de conclusão de curso. Nossa experiência nesse caminhar pode ser entendida a partir de três momentos:

2.6.1 A ESCOLHA DO PÚBLICO

Não havíamos determinado um público que gostaríamos de investigar, nossa única certeza era a questão da pesquisa relacionando pedagogia da cooperação e autoformação e a vontade de aplicar em um território comum a outros grupos da nossa turma da Pós. A intenção inicial era avaliar a potência trans-formadora que

expor públicos distintos de um mesmo local à Pedagogia da Cooperação teria nesse território. Iniciamos, então, nossa busca junto com outros grupos em uma Rede de atuação no bairro do Bom Retiro. Após participarmos de duas reuniões da Rede Social Bom Retiro, sem conseguir identificar oportunidade de parceria, decidimos aprofundar a pesquisa analisando a lista de contatos da Rede. Foi nesse momento que o chamado para o Abraço Cultural aconteceu. A Bia, reconheceu o nome deles e nos contou um pouco sobre o trabalho. Ficamos encantadas!

Após conseguirmos contato e agendar a reunião com a responsável, nosso desafio passou a ser como explicar a proposta e despertar o interesse pelo nosso trabalho. Para isso, contamos com ajuda dos outros grupos da Pós que já haviam estruturado e experimentado essa comunicação a respeito da aplicação do TCC. Inspiradas nessas experiências construímos um roteiro de abordagem que foi fundamental para a conexão que conseguimos estabelecer já na primeira conversa. Ao final da nossa reunião percebemos que aquele seria nosso público quando a responsável disse que via muito sentido no que estávamos propondo para o Abraço Cultural e agendou uma reunião de alinhamento com a coordenação pedagógica.

Nosso encontro com a coordenação foi ainda mais acolhedor, uma das coordenadoras iniciou a conversa dizendo que já “namorava” a Pedagogia da Cooperação e estava muito feliz com essa oportunidade! A partir daí, começava nossa história com o Abraço Cultural.

2.6.2 INTEGRAÇÃO DOS NOVOS PROFESSORES

Assim que fechamos a parceria com o Abraço Cultural para aplicação da Pedagogia da Cooperação estávamos muito animadas e felizes, pois, sentimos um real interesse e entusiasmo da coordenação do Abraço com a proposta. E então, recebemos um convite da Coordenação para desenvolver um trabalho que antecedeu a aplicação deste TCC. E este convite foi para pensar e realizar um momento de integração de uma turma de candidatos à futuros professores.

Aceitamos o convite, criamos um roteiro de atividades com muito carinho em que destacamos a ideia de que uma Organização é tecida por pessoas, e cada pessoa sendo um fio, partilha a sua identidade para este tecido em conjunto, que con-fiando vai tecendo uma nova história - o Abraço Cultural de todos nós! E nessa

atmosfera a Integração destes professores inaugurou a nossa relação e a história da Pedagogia da Cooperação com o Abraço Cultural.

Figura 1 – Integração novos professores



Fonte: Foto Gisele Germano – 2017

Figura 2- Dança Circular



Fonte: Foto Gisele Germano – 2017

O retorno foi muito positivo. No mesmo dia a Coordenadora que fez o convite nos agradeceu e elogiou o nosso trabalho dizendo o quanto foi maravilhoso. Para nós, aplicadoras da Pedagogia, que estávamos nos bastidores, planejando a metodologia do trabalho, definindo coisas específicas do TCC, ter vivido essa experiência prática com parte do público que estávamos naquele através de pesquisas e revisões teóricas, renovou nosso entusiasmo.

Viver essa experiência um mês antes da aplicação da Pedagogia fez a diferença no nosso processo, já que tínhamos dúvidas e até inseguranças de que o idioma pudesse dificultar a comunicação, o trabalho com o grupo. E neste dia vimos

que esse não seria um problema. Ficamos tranquilas e confiantes, pois foi ali que sentimos o respaldo, cuidado e a parceria vinda da Coordenação, principalmente do coordenador de ensino do idioma árabe, que traduziu simultaneamente para o português as falas dos dois árabes presentes.

Falamos nas linhas acima sobre a abertura e parceria da coordenação, o que também sentimos por parte dos professores, a abertura e receptividade com a proposta, e a gratidão manifesta pela acolhida.

Esse primeiro com-tato do Abraço Cultural conosco e vice-versa colaborou para a excelente qualidade de vínculo que construímos com eles na jornada da Pedagogia.

2.6.2.1 ROTEIRO DE ATIVIDADES APLICADA NA INTEGRAÇÃO DOS NOVOS PROFESSORES NO ABRAÇO CULTURAL

1º Atividade Aquecimento/Acolhimento - Dança Circular (05 min) - “ Eu Vou”
Roberta Sá

2º Atividades etapa COM-TATO (25 min)

Jogo de se apresentar ao outro dizendo o seu próprio nome (10 min)

Exemplo eu encontro com a Bia e digo - Giselle, tudo bom menina? E a Bia diz Oi Bia, como vc está? Se cumprimentam. Cumprimentar pelo menos 4 pessoas diferentes dessa forma. Depois, fazer uma rodada, falando algo seu - Ex: eu digo - Giselle, como estão Arthur e Leo?

3º Atividade - Crachá customizado (20 min)

Convite para fazerem seu próprio crachá com o nome que gostam de ser chamados (apelido/sobrenome,etc) e um super poder que acreditam que tenha. Formar o círculo na sequência e cada um se apresenta dizendo como está chegando e qual seu super poder.

4º Atividade - Encontrando e conhecendo o grupo (10min)

Caminhar pela sala de braços dados com alguém que escolher na hora que a música parar - grudar no seu par e conversar caminhando para conhecer um pouquinho sobre o outro e também uma história engraçada da vida do parceiro de caminhada/ ou o motivo de ter escolhido o seu super poder. Trocar de par umas duas vezes ao convite das facilitadoras.

5º Atividade - Momento da partilha! (15min)

Agora é hora de cada dupla partilhar no grupão o que soube do seu último par formado, a história engraçada/do super poder da vida do “amigo” com quem caminhou de braços dados. A primeira dupla a falar recebe um barbante e depois escolhe alguém da roda para falar na sequência enviando o rolo do barbante. Ao final teremos um tecido/rede deste grupo/Abraço Cultural.

Uma Organização é tecida por pessoas, e cada pessoa sendo um fio, partilha a sua identidade para este tecido em conjunto, que con-fiando vai tecendo uma nova história - o Abraço Cultural de todos nós aqui!

2.6.3 CONVITE PARA A JORNADA

Tínhamos o desafio de engajar o público de professores que já trabalhavam no Abraço Cultural a participar dessa jornada pela Pedagogia da Cooperação. Decidimos, então, criar um plano de comunicação para convidá-los para essa imersão. Para isso, confeccionamos um convite físico individual que deixamos acessível no próprio Abraço Cultural e realizamos uma contagem regressiva, utilizando o whatsapp como veículo.

Faltando três dias para nosso encontro, uma das coordenadoras pedagógicas, nosso ponto focal para replicação dos “convites”, nos enviou uma mensagem mencionando que estava apreensiva em relação ao comprometimento do grupo em participar e o impacto que o número de participantes poderia ter nas atividades planejadas. Acolhemos a preocupação e a tranquilizamos explicando que estávamos preparadas para adaptar e redimensionar as práticas conforme o tamanho do grupo e que confiávamos que quem estivesse que estar estaria lá.

Ao mesmo tempo que esse evento nos deixou ansiosas, também nos revelou que o processo já estava em curso e que a imersão na Pedagogia da Cooperação seria um potente instrumento para fortalecer a relação entre o grupo e do grupo com o Abraço Cultural.

E nessa atmosfera de curiosidade do que estava por vir e de confiança no poder do processo começamos a nossa jornada.

2.6.3.1 ROTEIRO DE ATIVIDADES APLICADAS NA JORNADA DA PEDAGOGIA DA COOPERAÇÃO

Tabela 1 Descrição das atividades para o dia 1

PRÁTICA	TEMPO	ATIVIDADE	DESCRIPTIVO	MENSAGENS IMPORTANTES	MATERIAIS & ESPAÇO	
COM-TATO	00:10	Crachá customizado	Conforme chegada, convidar os participantes para confeccionarem seus crachás com o nome que gostam de ser chamados.		Disposição dos assentos disponíveis em formato circular Vaso de flor marcando o centro do círculo Papel cartão, barbante, canetinhas	
	00:15	Dança Circular	Música Alma - Zélia Duncan Chamar as pessoas para dançar, inicia com os primeiros e monta o círculo.	Boas vindas após a dança e comentário que na dança circular todos ocupam uma posição equânime, cada um com seu rebolado, mas todos juntos buscando o mesmo passo. Explicação de que assim como na dança, o propósito essencial da Pedagogia da Cooperação, é promover ambientes colaborativos onde cada pessoa, grupo, organização e comunidade pode vir a ser quem se é para poder servir ao bem comum. Convide a jogar juntos durante a jornada para sermos quem somos servindo ao nosso bem comum Abraço cultural.	Espaço para formar um círculo de pé. Caixa de som e música.Vaso de flor marcando o centro do círculo.	
	00:20	Check In	Ainda em círculo em pé, (garantindo que todos estejam confortáveis e se possível para todos), pedir que se apresentem falando o seu nome completo, uma característica sua com a primeira letra do seu nome e dizer como está chegando (qual sua condição meteorológica agora?)	Nosso nome é muito poderoso, carrega a nossa ancestralidade, e o próprio nome e sobrenome já trazem uma história de quem somos, de onde viemos, existe uma comunidade em cada um de nós. Explicar o significado do centro como algo que está entre nós e onde surge essa comum-unidade.	Espaço para formar um círculo de pé ou sentado.Vaso de flor marcando o centro do círculo.	
	00:15	Conhecendo e criando sinergia para co-conviver	Fazer perguntas para o grupo e definir que, de acordo com a resposta individual os montinhos de "afinidade" vão para um lugar determinado: <i>Quem aqui é casado? Quem tem filhos? Quem aqui canta ou toca um instrumento musical? Quem tem outros talentos?</i> Ouvir algumas vozes por pergunta e por fim, formar um círculo em ordem horária e crescente a partir de quem está a mais tempo no planeta e sem perguntar pro outro.	Descobrir o que temos em comum e o quanto temos para trocar de experiências entre nós	Espaço para formar um círculo de pé e área livre para deslocamento do grupo pelo ambiente.Vaso de flor marcando o centro do círculo.	
	00:15	Roda de Fofoca	Formar um círculo dentro e um outro círculo fora. A ideia é o grupo de dentro virar para o de fora e ao convite da Facilitadora, integrantes de uma das rodas falam apreciativamente para integrantes da outra roda sobre o tema escolhido da vez: <i>Qual foi a comida que vc provou mais estranha no Brasil? Uma palavra curiosa em português? Uma palavra curiosa na sua língua? Uma mania que vc tem, Uma brincadeira de infância.</i> O desafio é falar por 30 segs sobre o tema para quem estiver na frente. A cada rodada um dos círculos fala e o outro apenas escuta atentamente. Escutar pelo menos duas vozes a respeito da experiência de ouvir e de se sentir ouvido.	Exercício de plena atenção, uma das 4 pequenas virtudes da Pedagogia da Cooperação e ouvir um pouquinho sobre curiosidades a respeito do outro.	Espaço para formar um círculo de pé Vaso de flor marcando o centro do círculo.	
	00:30	Click	Divididos em duplas fazem um "tour" em que um fica de olhos fechados e o outro conduz. O condutor desperta o conduzido para mostrar as belezas do abraço cultural. Invertem papeis e repetem a atividade. Escutar pelo menos duas vozes a respeito de como foi a experiência de conduzir e de ser conduzido.	Exercício de confiança e de empatia, assumindo a perspectiva do outro a respeito das belezas do ambiente.	Espaço para formar um círculo de pé e área livre para deslocamento do grupo pelo ambiente.Vaso de flor marcando o centro do círculo. Caixa de som e música.	
	00:30	Recreio Coletivo oferecido pela nossa equipe - menu, preparo e oferta				
	01:00	A Paixão de Dizer	Facilitadora transvestida com a saia cheia de bolsinhos, conta a história do Eduardo Galeano (A Paixão de Dizer). Após o conto, convida cada um a retirar um papelzinho do bolso com os convites: conte uma história que te fez rir muito/ Conte uma história que vc se sentiu bem/ conte uma história de amor. Dividir a turma em grupos de 4, sendo que cada integrante com um papel diferente. Pedir para que compartilhem suas histórias a partir da frase do seu papel.	Refletir sobre como é ouvir as histórias do outro e destacar o caráter universal das emoções.	Disposição dos assentos disponíveis em formato circular Vaso de flor marcando o centro do círculo	
COM-TRATO	01:00	Pedidos & Ofertas	Cada um é convidado a caminhar pela sala pensando o que precisa existir para que essa jornada seja inesquecível? Qual ingrediente especial eu ofereço? (pergunta). Quando a música parar formam um par e contam para este par, depois se unem a outra dupla e compartilham. Recebem canetinha e papel, escrevem os ingredientes para tornar essa jornada inesquecível. Pedir para um voluntário de cada grupo ler seu com-trato e o que ele tem. A Facilitadora então diz no final: Nossa jornada será inesquecível porque teremos.....E então, celebramos com a dança do Hei/Ho/Hu.	A importância de estabelecer acordos e que o maior responsável por zelar pelo pedido é quem faz o pedido (não entregar apenas na mão do outro algo que é importante para você).	Disposição dos assentos disponíveis em formato circular Vaso de flor marcando o centro do círculo. Caixa de som e música.Flip chart.	
	00:15	Check-Out	Um resumo da experiência vivida até aqui para cada um em uma palavra. Despedida.	O círculo que uma vez se formou, se dissolve mas jamias se desfaz.	Espaço para formar um círculo de pé e área livre para deslocamento do grupo pelo ambiente.Vaso de flor marcando o centro do círculo.	

Tabela 2 Descrição das atividades para o dia 2

PRÁTICA	DURAÇÃO	ATIVIDADE	DESCRIPTIVO	MENSAGENS IMPORTANTES	MATERIAIS & ESPAÇO
COM-TATO	01:00	Almoço Coletivo oferecido pela nossa equipe - menu, preparo e oferta			
	00:30	Check In	Pedir aos novos integrantes que chegaram nesse dia que se apresentem falando o seu nome completo, uma característica sua com a primeira letra do seu nome e dizer como está chegando (qual sua condição meteorológica agora?)	Nosso nome é muito poderoso, carrega a nossa ancestralidade, e o próprio nome e sobrenome já trazem uma história de quem somos, de onde viemos, existe uma comunidade em cada um de nós. Explicar o significado do centro como algo que está entre nós e onde surge essa comun-idade.	Espaço para formar um círculo de pé ou sentado. Vaso de flor marcando o centro do círculo.
	00:25	Olá Como Vai	Solicitar que escrevam nas respectivas línguas a saudação Olá como vai e deixar no centro da roda. Pedir que cada um leia para os demais e quem quiser pode repetir. Depois da saudação em todas as línguas convidar para a dança de comprimento (<i>inserir nome da dança</i>)	Conhecer as diversas formas de saudação que existem e que habitam o Abraço Cultural.	Espaço para formar um círculo de pé e área livre para deslocamento do grupo pelo ambiente. Vaso de flor marcando o centro do círculo. Caixa de som e música.
	00:25	E aí?	Pedir para o grupo se sentar em círculo e com uma bola brincar do jogo "E aí" que consiste em recordar a trajetória vivida até o momento a partir do que ficou de memória mais viva em cada um. Quem fala deve estar de posse da bola. Um candidato começa falando o que lembra e joga a bola para quem quer falar na sequência, ao jogar pergunta " E aí?".	Estabelecer um fio condutor e incluir os novos participantes.	Espaço para formar um círculo de pé ou sentado. Vaso de flor marcando o centro do círculo.
COMPARTILHAR INQUIETAÇÕES	00:15	Só perguntas	Atividade de aquecimento para as Inquietações. Divididos em trios, jogar o jogo "Só Perguntas", a partir de um tema escolhido o objetivo é só conversar nesse contexto, através de perguntas. Nesse jogo é proibido responder. A conversa é em dupla e o terceiro funciona como "juiz" que assume a posição de jogador quando alguém responde ou demora a responder.	O quanto não fomos educados a perguntar e sim a responder. Sendo que é através das perguntas que aprendemos. O poder mobilizador da pergunta, é ela que permite sairmos do status quo	Espaço para formar um círculo de pé e área livre para deslocamento do grupo pelo ambiente. Vaso de flor marcando o centro do círculo.
	00:20	O que nos Inquieta em relação a Perten-Ser	Dividir a turma em 3 grupos para pensarem sobre o tema pertencimento, quais são as suas inquietações em relação a pertencer? Perten-ser no sentido amplo da palavra, a esse lugar, ao Brasil, etc... Deixar claro que este é um momento de fazer perguntas e não de responder. Sem limite de número máximo de perguntas. Estimular que escrevam como um "Brain Storm".	Nesse momento é importante ter atenção para não paralisar por excesso de análise se a pergunta tem uma resposta ou não.	Espaço para formar um círculo de pé ou sentado. Vaso de flor marcando o centro do círculo. Flip chart.
	00:35	Questões mais quentes	Em formato de world café, pedir que cada grupo eleja um anfitrião e solicitar que os demais integrantes circulem pelos demais grupos ao som de uma música, quando a música parar, escolhem um grupo para sentar e por consenso, selecionam 5 perguntas que mais ecoam neles. Rodam novamente e das 5 escolhem 2 perguntas. Retornam para seus grupos originais e escolhem uma. Escrevem a pergunta "mais quente" em um papel e apresentam para a roda.	Confiar no processo e exercitar o desapego, entendendo que as perguntas escolhidas representam todo o grupo.	Espaço para formar um círculo de pé ou sentado. Vaso de flor marcando o centro do círculo. Caixa de som e Música. Papel A4.
	00:30	Recreio Coletivo oferecido pela nossa equipe - menu, preparo e oferta			
FORTALECER ALIANÇAS & PARCERIAS	00:15	Jogo do Triângulo	Em círculo pedir para que cada um escolha 2 pessoas da roda, silenciosamente, sem contar para elas, para compor um triângulo. O objetivo é se mover para montar um triângulo equilátero com essas duas pessoas. Ouvir 1 a 2 vezes sobre a experiência.	Qualquer ação tem impacto no outro e no sistema como um todo e no nosso próprio sistema interno. Destacam a relevância da Com-fiança para que o sistema opere na sua plenitude	Espaço para formar um círculo de pé e área livre para deslocamento do grupo pelo ambiente. Vaso de flor marcando o centro do círculo.
	01:10	Ponte de Corda	Convidar o grupo para o desafio da Ponte de Corda, que consiste em atravessar 3 pessoas (voluntárias) pela Ponte de Corda, sustentada pelo grupo, dentro de um tempo pré-determinado. Sendo que a última pessoa passará de olhos vendados. A corda deve estar bem esticada para que esteja firme. Quem estiver passando, deverá pisar somente nos nós, um pé em cada nó, para evitar um peso maior num determinado "elo da corda". Ouvir as sensações e sentimentos suscitados pela experiência de quem segurou a corda e de quem foi sustentado para conseguir caminhar na corda.	Exercício de confiança, de cuidado com o outro e de empatia. "A confiança é o que sustenta as relações;" Destacar aqui as 4 virtudes da Pedagogia da Cooperação – Integridade, Plena Atenção, Desapego e Abertura para Compartilhar	Espaço com pé direito alto e área que comporte a formação do grupo em corredor.
	00:25	Presente	Pedir para que formem um círculo, e promover uma roda de massagem como presente após um dia intenso. Primeiro fazer massagem em quem está do lado direito/esquerdo e depois retribuir a massagem em quem te fez, virando para o lado contrário do inicial.	Comentar sobre a conexão em diferentes dimensões	Espaço para formar um círculo de pé ou sentado. Vaso de flor marcando o centro do círculo. Caixa de som e Música.
	00:10	Check-Out	Convidar os corações que quiserem dizer uma palavra para o dia e despedida.	O círculo que uma vez se formou, se dissolve mas jamais se desfaz.	Espaço para formar um círculo de pé ou sentado. Vaso de flor marcando o centro do círculo. Caixa de som e Música.

Tabela 3 Descrição das atividades para o dia 3

PRÁTICA	DURAÇÃO	ATIVIDADE	DESCRIPTIVO	MENSAGENS IMPORTANTES	MATERIAIS & ESPAÇO
	00:15	Momento transcultural	Convidar um dos integrantes do grupo, que se sinta chamado, a compartilhar uma dança ou brincadeira de roda do seu país. Contextualizar a história da Abayomi que comõe o novo centro.	Exercício de empatia e de reconhecer a riqueza individual que cada um traz para o poder do coletivo	Espaço para formar um círculo de pé. Caixa de som e música. Círculo de Abayomi marcando o centro da roda. Caixa de som e música.
	00:15	Check In	Pedir para quem sentir vontade, compartilhar uma palavra que traduza como está chegando nesse dia, com a experiência do percurso até aqui.	Compartilhar o que trans-borda, ajuda a tecer/elaborar o vivido até aqui.	Espaço para formar um círculo de pé ou sentado. Caixa de som e música. Círculo de Abayomi marcando o centro da roda.
FORTELECER ALIANÇAS & PARCERIAS	00:15	Trânsito	Após aquecer o corpo e a memória, convidar o grupo para ficar em pé em círculo e "tirar uma fotografia mental" do que vem desse lugar. Pedir que ao sinal, troquem de lugar e respondam: O que você vê daí que não via antes? É porque você não via que não existia? Ouvir as respostas e dar sequência às trocas de lugar no círculo inserindo a cada troca um desafio (comprimentar no mínimo duas pessoas, tocar alguém na ponta do nariz) e a cada ação perguntar como foi a sensação.	Importância de manter o princípio da mente inclusiva com o que é diferente e não só o que é deficiente e a percepção do outro.	Espaço para formar um círculo de pé e área livre para deslocamento do grupo pelo ambiente. Círculo de Abayomi marcando o centro da roda.
	00:45	O nome do livro/filme da minha vida neste momento é	Atividade inspirada no psicodrama. Dividir o grupo em subgrupos, no caso 2, e pedir que cada um reflita individualmente e compartilhe no subgrupo a sua resposta à seguinte pergunta: <i>Se sua vida hoje fosse um livro ou filme, qual nome ele teria?</i> Solicitar que expliquem brevemente o porquê para os demais integrantes. Depois dessa fase, pedir que escrevam no papel todos os nomes que surgiram no subgrupo (é permitido imitar nomes de livros e filmes já existentes). Na sequência, falar que o desafio é sintetizarem todos os títulos em um novo ou escolherem um que represente todos. Feito isso, pedir que traduzam este título em uma "escultura viva" - que pode ter movimento e som - mas não palavra. Cada grupo apresenta para os demais e facilitadora pergunta o que a platéia imagina de título e depois compartilha o nome do livro/filme.	A importância e o poder de integrar o corpo na expressão dos nossos sentimentos e comunicação com o outro.	Espaço para formar um círculo de pé e área livre para deslocamento do grupo pelo ambiente. Círculo de Abayomi marcando o centro da roda. Papel e canetinhas.
	00:30	Suco das Virtudes	Recordar as 4 pequenas virtudes (Desapego, Abertura para Compartilhar, Integridade e Plena presença) importantes para que haja cooperação. Dividir a turma em 4 grupos e distribuir uma pequena virtude para cada um. Fazer um círculo ao redor de uma mesa com 4 ingredientes que representam as virtudes (Suco de laranja fresco, Pedacos de mamão, cenoura ralada e mel). Escolher uma música para o ritual e convidar a cada virtude o subgrupo responsável para o centro do círculo pedindo que insiram no liquidificador o seu ingrediente e digam uma atitude relacionada que ajuda a viver aquela virtude. Após a contribuição de todos, misturar os ingredientes e servir o suco para que todos integrem as virtudes e atitudes necessárias à cooperação.	Estimular o grupo a pensar como aplicar as 4 pequenas virtudes no dia a dia.	Espaço para formar um círculo de pé e área livre para deslocamento do grupo pelo ambiente. Centro marcado pela mesa com ingredientes e utensílios. Caixa de som e música.
	00:30	Recreio Coletivo oferecido pela nossa equipe - menu, preparo e oferta			
REUNIR SOLUÇÕES COMUNS	01:00	Café com Abraço	Disponibilizar ao redor do centro, os papéis com as inquietações "mais quentes" eleitas na prática de compartilhar inquietações. Pedir que se dividam no mesmo número de grupos que correspondam ao número de inquietações. Pedir que pensem em soluções para cada inquietação. Após 20 min, rodar em formato World café pelos grupos acrescentando soluções às que já foram criadas. Rodam a cada 20 min. Cada grupo terá um anjo/guardião como memória e fio condutor das soluções.	Compartilhar ideias de solução promove ampliação de possibilidades.	Espaço para formar "mesas/espacos de café", no mesmo número de inquietações. Caixa de som e música. Círculo de Abayomi marcando o centro da roda.
CRIAR PROJETOS DE COOPERAÇÃO	01:15	Florescer	Distribuir as inquietações com o menu de soluções no centro do círculo e convidar o grupo ao som de uma música a caminhar ao redor e escolher aquele conjunto de inquietação+menu de soluções que sentir chamado. Após isso pedir que iniciem a seleção/organização e sistematização das soluções a partir dessa pergunta: <i>Qual o primeiro passo elegante que podemos dar para começar a realização desse projeto? Quais os possíveis bloqueadores?</i> Ao final do prazo para criação (cerca de 45 min), solicitar que compartilhem os projetos com toda a turma.	Falar do princípio de paixão e responsabilidade. Se tenho real paixão me envolvo.	Espaço para formar "mesas/espacos de café", no mesmo número de inquietações. Caixa de som e música. Círculo de Abayomi marcando o centro da roda.
	00:15	Check-Out	Convidar quem estiver com vontade para compartilhar uma dança de encerramento desse dia. Um resumo da experiência vivida até aqui para cada um em uma palavra. Despedida.	O círculo que uma vez se formou, se dissolve mas jamais se desfaz.	Espaço para formar um círculo de pé e área livre para deslocamento do grupo pelo ambiente. Centro marcado pela mesa com ingredientes e utensílios. Caixa de som e música.

Tabela 4 Descrição das atividades para o dia 4

PRÁTICA	DURAÇÃO	ATIVIDADE	DESCRIPTIVO	MENSAGENS IMPORTANTES	MATERIAIS & ESPAÇO
COM-TATO	00:15	Dança Circular	Convidar o grupo para dançar "Ciranda de Iia".		Espaço para formar um círculo de pé ou sentado. Vaso de flor marcando o centro do círculo. Caixa de som e Música.
	00:15	Boas vindas	Após a dança, dar as boas vindas e ouvir como chegam e expectativas. Dividi-los em 4 subgrupos e pedir que imaginem uma forma de saudar a turma com uma coreografia. Dispor os subgrupos formando um quadrado	A importância de aquecer o corpo para trazer a nossa plena presença para esse último dia.	Espaço para formar um círculo de pé ou sentado. Vaso de flor marcando o centro do círculo. Caixa de som e Música.
	00:15	Sem Fronteiras	Dividir o grupo em duplas e pedir que conversem sobre as seguintes perguntas: <i>Qual foi o melhor momento que você viveu do percurso até agora? Por que foi significativo e o O que você aprendeu com ele?</i>	Compartilhar o que trans-borda, ajuda a tecer/elaborar o vivido até aqui.	Espaço para formar um círculo de pé ou sentado, área livre para deslocamento do grupo pelo ambiente. Vaso de flor marcando o centro do círculo. Caixa de som e Música.
	00:20	Time Line	Após aquecer o corpo e a memória, convidar o grupo para registrar no time line por dia de aplicação da Pedagogia da Cooperação o que ficou. O processo deve se dar em silêncio e ao som de uma música que proporcione uma atmosfera de interiorização.	Memória coletiva das experiências e sentimentos de cada momento do percurso.	Espaço para formar um círculo de pé ou sentado, área livre para deslocamento do grupo pelo ambiente. Vaso de flor marcando o centro do círculo. Caixa de som e Música. Folhas de Flip Chart e canetinhas.
FORTALECER ALIANÇAS & PARCERIAS	00:25	João Confiança	Dividir o grupo em trios e explicar que todos vão experimentar dois lugares na brincadeira: um de quem é suportado e outro de quem dá suporte. Pedir para o trio se disponha em linha e quem estiver nas pontas virar para quem está no meio. A pessoa do meio deve fazer movimentos imitando um pêndulo e quem estiver nas pontas tem a função de segurar e impulsionar. Após a experiência ouvir como foi ser suportado e como foi oferecer o suporte.	Experimentar a confiança e o cuidado com o outro.	Espaço para formar um círculo de pé ou sentado, área livre para deslocamento do grupo pelo ambiente. Vaso de flor marcando o centro do círculo. Caixa de som e Música.
CRIAR PROJETOS DE COOPERAÇÃO	00:30	Florescer	Convidar todos para rever os projetos e as responsabilidades que cada um vai assumir para realizá-lo – projeto ganha nome e responde à 5 perguntas (O quê, como? Quando? Quem? Onde?).	Falar do princípio de paixão e responsabilidade. Se tenho real paixão me envolvo.	Espaço para formar um círculo de pé ou sentado, área livre para deslocamento do grupo pelo ambiente. Vaso de flor marcando o centro do círculo.
	00:30	Recreio Coletivo oferecido pela nossa equipe - menu, preparo e oferta			
CELEBRAÇÃO	01:20	Show de Talentos	Criar um cronograma de apresentação dos talentos junto com o grupo, sendo que o convite é trazer o seu melhor.	Celebrar e escutar são passos fundamentais na formação de uma Comunidade-Única.	Formatar o espaço como arena. Caixa de som e Música.
	00:30	Bastão da Fala	Contar a história do bastão da fala como um instrumento democrático de escuta e de cura coletiva a partir da fala do outro (<i>"em todo grupo há água para toda sede e sede para toda água"</i>). Fazer o chamado perguntando: <i>como você está agora e o que você viveu no processo que te levou a este estado?</i>		Espaço para formar um círculo de pé ou sentado, área livre para deslocamento do grupo pelo ambiente. Vaso de flor marcando o centro do círculo.
	00:10	Dança Circular	Convidar o grupo para uma dança final de celebração - Kumbalauê - e significar cada passo da dança que remete ao semear e compartilhar com o mundo o que florescer.		Espaço para formar um círculo de pé ou sentado, área livre para deslocamento do grupo pelo ambiente. Vaso de flor marcando o centro do círculo.

2.7 DIA 1 – COM-TATO E COM-TRATO

Segundo Fábio Broto:

O objetivo desta prática é promover o contato, aproximação e integração do grupo. Como isso, torna-se importante reunir a turma para começar juntos. Ser um ponto de partida acolhedor, atraente e que desperte a curiosidade e a vontade de continuar “jogando junto”. Pergunta inspiradora: Quem somos nós quando nos unimos uns aos outros? (BROTO, 2016, p.3)

Para as atividades a serem desenvolvidas, Broto nos orienta que elas devem ser simples e de curta duração. Leves e descontraídas. Atividades que sejam

possíveis para toda a turma, sem exceções. Contato físico moderado e ao mesmo tempo, valorizado. Incentivadoras de com-versações descontraídas e aproximadoras.

Como sugestão, a pedagogia da cooperação nos indica as seguintes Metodologias Colaborativas: Jogos Cooperativos, Danças Circulares e Diálogo. E, nos orienta a manter um ambiente de acolhimento e valorização das diferenças. Evitar comparações do tipo: vamos ver quem faz melhor/mais rápido, etc. Utilizar poucos recursos materiais e focar mais na interação pessoal como recurso essencial.

E, desta forma foi feito. Preparamos o primeiro dia a partir de atividades para que conseguíssemos estabelecer contato verdadeiro entre a equipe aplicadora e com o outro. A partir daí nos conectar com emoções, sentimentos, histórias que nos proporcionassem uma potente jornada pela Pedagogia da Cooperação e autoformação.

Com as atividades, de dança circular, construção do crachá customizado, check in e check out, criando sinergia para conviver, roda de fofoca, dinâmica do click e a paixão de dizer conseguimos tecer uma abordagem que construiu vivências e experiências transpessoal, transdisciplinar e transcultural de autoformação.

Figura 3 Mensagem aos participantes



Fonte: Foto: Ana Beatriz Hosken Cunha - 2017

Figuras 4 Participantes confeccionando seus crachás customizados



Fonte: Foto: Ana Beatriz Hosken Cunha - 2017

Ao chegarem, os participantes confeccionaram seus crachás com o nome que gostam de serem chamados e com uma característica pessoal com a primeira letra do nome. Já nesta atividade, os participantes puderam entrar em contato com a dificuldade que muitas vezes temos de olhar para nós mesmos, e procurar nossas características. Muitos ajudaram falando as características do outro.

Oficialmente nos apresentamos no círculo, ressaltando a importância do nosso nome e sobrenome que contam histórias também a história da nossa ancestralidade, bem como as características que identificamos com a primeira letra de como gostamos de ser chamados. Para descontração e cuidado com os participantes, pedimos que cada um também falasse como estava chegando para a jornada, mas segundo a “previsão meteorológica”.

Nestas atividades, aparentemente simples, podemos observar que a Pedagogia da Cooperação contribui para a “construção” de identidade. Não encontramos algo formatado ou pronto. É um caminho de colaboração, em que um *simples* crachá já nos apresenta que nossa jornada deverá ser construída por nós mesmos. Os depoimentos abaixo trazem muitas informações a respeito do momento vivenciado nesta etapa:

B: “O nosso nome traz o que a gente é, além da nossa ancestralidade. A pedagogia da cooperação também nos auxilia a incorporar, ou melhor, se apropriar do que somos e o que ainda nem sabemos que somos”

M: “Coloquei motivada porque eu acho que é a única palavra com M, um adjetivo bom. Motivada me representa, está bom. Estou chegando com calor inesperado neste dia de inverno, que saiu um sol”.

L1: Eu sou brasileira, nasci no Rio, mas não pareço carioca. Meu sobrenome é grande, todos portugueses. Eu coloquei como característica livre, porque eu gosto de me ver como uma pessoa livre. Sagitariana. O tempo: céu azulado com uma brisa agradável.

D: Sou detalhista (ai eu coloquei uma carinha aqui para ficar bem no centro). Sou sagitariana. Sou nascida em São Paulo, mas sou de família mineira. Por isso o sotaque. Aprendi a falar assim desde criança. Eu estou chegando nesta luzinha de fim de tarde, essa luz dourada que eu acho que é bonita, dá uma calma, mas que reflete muitas coisas.

A: Meu sobrenome significa corajoso. Coloquei Abraçoso porque gosto dos amigos, de ficar junto. Vim da Síria. Minha família é grande. Tenho quatro irmãs, seis sobrinhos. Meus pais estão lá. Tenho dezoito tios e dezoito tias, ao todo trinta e seis e noventa primos. Na minha cidade se você falar A., precisa falar o sobrenome, senão todo mundo vai responder. Eu cheguei aqui, aquele vento gelado de quando faz muito calor.

Figuras 5 Check in dos participantes



Fonte: Foto: Ana Beatriz Hosken Cunha - 2017

Como percebemos nos depoimentos, a autoformação contribui para uma abordagem interior da educação. Segundo Pascal Galvani:

“A autoformação não é concebida como um processo isolado. Não se trata da egoformação propalada por uma visão individualista. A autoformação é um componente da formação considerada um processo tripolar, pilotado por três pólos

principais: si (autoformação), os outros (heteroformação), as coisas (ecoformação)”. (GALVANI, 2002, p.2)

Figura 5 - Centro do primeiro dia



Fonte: Foto: Ana Beatriz Hosken Cunha - 2017

Convidamos os participantes para dançar a música Alma da cantora e compositora Zélia Duncan e logo após a dança, explicamos a importância do centro na Pedagogia da Cooperação. A dança circular tem um lugar muito especial na Pedagogia da Cooperação, pois é um espaço que a gente consegue se enxergar. Segundo Lili Fausto e Andrea Leonci a Dança circular inspira e motiva o homem a expressar seus sentimentos mais profundos, a organizar-se como membro de uma sociedade e a compreender as transformações do mundo, da realidade e de seu próprio ser.

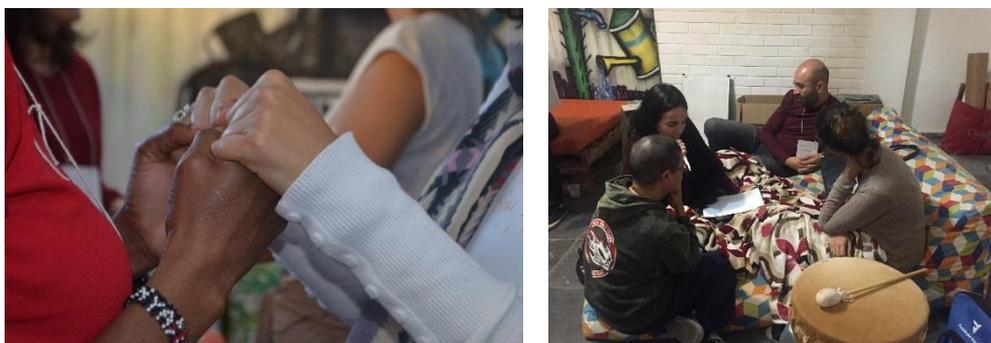
“As Danças Circulares Sagradas são uma grande experiência grupal em que o indivíduo e o grupo se integram em um objetivo comum – se divertir e entrar em contato consigo mesmo. Uma atividade em que o grupo e o meio estimulam um ao outro e o resultado do todo é maior do que a soma das partes”.(FAUSTO, LEONCI, 2016 p.22)

O círculo, símbolo universal, tendo como centro muitas vezes o fogo ou objetos sagrados como talismãs e flores, representava o espaço da comunidade para celebrar rituais de passagem como nascimento, casamento, morte e outros momentos importantes da vida humana. Utilizamos o centro para que lembremos o

que está entre nós. Vai muito além do que eu trago e do que você traz, mas é algo que encontramos no caminho, juntos! Materializa o que está entre nós. Segundo Fábio Broto:

“Quando formamos um Círculo recuperamos o sentido de Comum-Unidade, pois na roda todos são vistos como iguais; todos se vêem e são vistos por todos; não há quem está acima, nem abaixo; todos estão no Círculo, nem dentro, nem fora. Ao compor um Círculo, reconhecemos a existência de um Centro, de algo que está entre nós, que é comum a todos e todas, sem exceção. Nele está aquilo que é essencial para o grupo... é o fogo que precisa ser mantido vivo no centro da roda. E por ser assim, é cuidado por cada um e cada uma... todo o tempo”. (BROTTO, ano, p.13)

Figuras 6 - Conhecendo e criando sinergia para com-viver



Fonte: Foto: Ana Beatriz Hosken Cunha - 2017

Momento de descontração onde os participantes foram separados de acordo com o talento musical, quem gosta de cozinhar, quem gosta de viajar (praia ou campo), quem é casado, quem têm filhos, preferências gastronômicas (arroz com feijão ou macarronada), talentos:

Afirma G: Quantas coisas descobrimos, mesmo a gente convivendo quase diariamente e que não explicitamos para o outro. Uma coisa que eu queria compartilhar é como é difícil para nós falarmos bem da gente mesmo. É muito mais fácil se a gente perguntasse alguma coisa que você não sabe fazer. E o convite é

que a gente reconheça que todos temos talentos (seja abraçar o outro). E tudo é exercitado, se tem gente que gosta de falar em público, a gente gruda nesta pessoa e vai falando aos poucos. Então o convite é que a gente olhe para essa dificuldade e olhe para gente com um olhar apreciativo, porque a primeira pessoa que tem que amar a gente é a gente mesmo. E a gente tem muita dificuldade”.

Com essa atividade e o depoimento de G podemos associar a autoformação a processos guiados pelo sujeito, quer seja na visão e conhecimento de si mesmo (tomadas de consciência) e também nas atitudes e escolhas perante as influências físicas, sociais e culturais recebidas do meio ambiente.

Figura 7- Roda de Fofoca - Diálogos



Fonte: Foto: Ana Beatriz Hosken Cunha - 2017

Uma das questões importantes da Pedagogia da Cooperação que auxilia na cooperação é a Plena Atenção (uma das pequenas virtudes) que requer uma boa escuta. Em duplas, facilitadora lançou temas onde as pessoas que estavam na roda de fora falaram e as que estavam na roda de dentro escutaram. A roda de dentro foi se movendo para trocar os integrantes, promovendo assim o diálogo que extrapolasse a linguagem. A temática foi uma palavra engraçada/esquisita na sua língua. Falar sobre uma brincadeira da sua infância. Falar sobre uma comida que você gosta muito no Brasil. Se você fosse um super-herói que poder você teria.

Conforme os depoimentos a seguir, podemos observar que o COM-TATO pode e deve ser estabelecido de diversas maneiras e possibilidades.

G: Como foi ouvir sem poder falar durante trinta segundos.

L: Eu fiz uma vez um exercício que você não podia esboçar nenhuma expressão. E a pessoa tinha que contar uma história muito triste. Impossível. Eu não consegui. A gente quer participar, quer falar.

Lu: Sempre alguma coisa você fala. Não fala com as palavras. Mas fala com o olhar, com o corpo. É uma linguagem.

B: Interessante, porque a gente constrói uma crença de que estar fazendo uma escuta ativa é balançar a cabeça e muitas vezes, a gente sabe quando a pessoa está realmente escutando a gente. Eu tenho experiência com pessoas que realmente me escutaram e elas não balançaram a cabeça, não esboçaram nenhuma expressão e falaram quando precisava falar alguma coisa. Conexão na escuta e na relação não são esses sinais expressivos da face, eu acho que é outra qualidade de presença que a gente precisa começar a praticar.

G: o que a gente traz aqui são reflexões que a gente vive o tempo todo e a minha grande questão é quando eu interrompo o quanto, às vezes, a pessoa perde o raciocínio e você deixa de ouvir fundamentalmente o que precisa ser escutado. Nem toda hora a gente vai conseguir fazer isso, mas eu tenho exercitado.

AB: E tem uma coisa também que esse exercício traz muito forte é o quanto estamos de fato, escutando o outro. Porque muitas vezes o outro está falando e a gente está julgando de acordo com a nossa lente, do concordo/discordo, quero/não quero, certo/errado fazendo as nossas “viagens internas” naqueles lugares que gostamos de visitar. Então, realmente esse exercício é muito poderoso no sentido de gente exercitar a empatia e quando tivermos escutando, oferecer para o outro a nossa escuta mesmo, sem entrar nas nossas questões e simplesmente e totalmente oferecer a nossa presença plena para escutar de fato o que o outro está nos dizendo, porque isso pode nos levar para um lugar que a gente não conhece.

Com os depoimentos e atividades, percebemos que a prática do COM-TATO é uma excelente oportunidade de autoformação, pois nos legitimamos no encontro e nas interações com nós mesmo e com o outro.

Segundo Pascal Galvani autoformação também é definida:

“pela interiorização (Tomada de consciência, descentração, abstração) dos níveis de interação entre a pessoa e o meio ambiente:

Nível prático das interações sensório-motoras: a autoformação se atualiza como tomada de consciência dos esquemas de interação operatórias gestuais, mas também intelectuais, sociais, afetivas...

Nível simbólico das interações imaginárias e mitopoética: a autoformação se atualiza como tomada de consciência das formas simbólicas (Galvani, 2002, p.6) e dos relatos históricos (Pineau, 2008). Nesse nível, a autoformação é a tomada de consciência das histórias, lendas e hábitos pessoais, familiares, sociais e culturais que nos formaram e nós formamos e transformamos.

Nível da linguagem conceitual epistêmica: nesse nível, a autoformação é o processo de análise e de produção de significados a partir de sua experiência”. (GALVANI, 2002, p.6).

Figuras 8- Dinâmica do Click- Olhares da Realidade



Fonte: Foto: Ana Beatriz Hosken Cunha - 2017

Ainda transitando pelos sentidos, esta atividade é um convite para o olhar. Saímos do ouvir para o olhar. Em dupla, os participantes experimentaram a

confiança e o olhar do outro. A pessoa que estava na frente se transformou numa câmera fotográfica e foi conduzido pelo “fotógrafo” que pode explorar um olhar muitas vezes focado, outras panorâmico. As pessoas/câmeras se entregaram para os fotógrafos e os fotógrafos se comprometeram em cuidar do seu “equipamento”. Após alguns minutos, tivemos a inversão dos papéis. Com essa atividade, observamos a pluralidade dos níveis de realidade na formação dos participantes:

A: “Eu gosto de ser câmera, porque todo mundo fica viajando e só tirando fotos. Aproveita, vai olhar. Porque sempre as pessoas vão, por exemplo para a praia e ficam só tirando fotos, fotos, fotos... cem fotos, duzentas fotos. Eu gosto de ser câmera. Quando eu estava olhando essas coisas, como câmera, você vai achar a coisa mais linda. A melhor memória não é o celular é a sua memória mesmo. Quando você vai para qualquer lugar, é só olhar o que tem na sua frente. Por isso, eu não tenho muitas fotos... só família, sobrinhos... mas fotos dos lugares, não. Eu coloco essas fotos na mente mesmo”.

D: “Eu tenho uma questão pessoal, pois meu namorado é fotografo, então eu estou sempre do outro lado. Eu fui fotógrafa primeiro para exercitar o olhar e perceber coisas do enquadramento. Então, eu gostei de estar na posição de procurar as cenas e não o inverso”.

Lu: “Além da foto mesma, não é tão fácil. Agora podemos nos entregar um para o outro porque estamos fazendo esse trabalho. Mas, você não se entrega tão facilmente para o outro. Você tem medo, resistência, alguma coisa e o outro também. Não é tão fácil. Para mim é muito difícil. Aqui é muito diferente do meu país e, outra coisa, no meu país também é difícil, mas aqui é outro jeito, é outra cultura. Aí nós temos que estar aprendendo. Adiciona nesse negócio que é difícil para todo mundo - a confiança e adiciona também a questão cultural. Tem que construir isso. Construir. Eu me entreguei. Eu me senti segura. Segura com a pessoa que estava me guiando, estava cuidando de mim. Confiar que a pessoa vai estar cuidando, mas nem sempre é assim. No ano de 2009 eu estive aqui no Brasil e estive na Bahia (em Salvador) e quando eu cheguei no aeroporto eu pensei; eu gastei tanta grana para vir aqui e é um bairro de Cuba. A fisionomia das pessoas e o jeito é muito semelhante com os cubanos. Mas eu não sinto aqui em São Paulo. Porque São Paulo é diferente, eu não falo daqui do Abraço Cultural, mas o Brasil em geral é

muito acolhedor. Mas São Paulo é outro jeito, mais distanciado, digamos mais frio comparado com a minha referência”.

AB: “Eu sou mineira, como eu disse, e Minas são muitas porque é um Estado muito grande. Eu tive a oportunidade de trabalhar com produção cultural e praticamente conhecer e rodar o Estado inteiro. E essa diversidade e essas diferenças que você está falando. É até geográfica mesmo, a Minas de onde eu moro é bem diferente de onde eu nasci. O importante é a gente experimentar esses dois olhares e papéis. Ora quando buscamos a amplitude do horizonte; seja na nossa cidade, seja no nosso olhar como fotógrafos, para mostrar uma coisa mais ampla do que quer que seja do que estamos enxergando e vivendo. Ou muitas vezes aqueles momentos que a gente precisa focar, pegar simplesmente a delicadeza dessa pétala aqui, que pode ser o nosso momento. Eu acredito que esse trânsito que a gente promove dentro da gente com o nosso olhar e, principalmente, com o olhar do outro é um caminho. E o caminho é caminhar”.

G: “O que eu penso é que a empatia e eu acho que esse exercício traz muito forte é conseguir também se colocar um pouco no lugar do outro. Eu nunca vou ser a Lud, mas experimentar um pouco o que é o olhar da Lud, mesmo que seja esse São Paulo mais duro, mais cinza...que eu sinto sendo carioca e que foi uma cidade que me abraçou com toda a dureza dela. Para mim é difícil também, minha família está toda no Rio de Janeiro. A gente não tem fórmulas e acho que a gente está aqui para construirmos juntos. Mas depende de todos nós. E acho que a empatia talvez seja um tempero muito importante para essa caminhada que a gente quer. Mas respostas certas a gente não tem”.

Segundo Pascal Galvani:

“Como a autos, a formação também diz respeito a vários níveis de realidade. A formação pode ser definida como a história dos acoplamentos estruturais (ou interações) de um ser com o seu meio ambiente físico e social (Galvani, 1997, cap.1). São esses acoplamentos estruturais que dão forma à pessoa e que fazem com que as representações que ela constrói do mundo, dos outros e dela mesma se manifestem. Ela é a manifestação (morfogênese) e a transformação (metamorfose) das formas

que estruturam a pessoa na sua interação com o meio ambiente”. (GALVANI, 2002, p.6)

Figura 9 - Arte da Gastronomia - Recreio Coletivo



Fonte: Foto: Ana Beatriz Hosken Cunha - 2017

A conexão com o grupo começou nos bastidores com histórias gastronômicas e, a comida, diga-se de passagem, é um universo rico e diversificado de exploração com referências de saberes e sabores para aprofundarmos na reflexão do que somos. Segundo Galvani “Todas as abordagens de exploração intersubjetiva da autoformação se caracterizam por um retorno reflexivo sobre a experiência, por uma exploração coletiva e pelo cruzamento interpessoal e intercultural das produções de saber. Essa abordagem tem em vista a tomada de consciência e de poder das pessoas sobre sua própria autoformação em suas diferentes dimensões”.

Tivemos muitas gostosuras e culturas a mesa; café das montanhas de Minas torrado e moído com cardamomo (associação direta com o café árabe), queijo da serra da canastra que é patrimônio cultural que carrega um saber ancestral de gerações e gerações, goiabada, doce de leite, bolo de milho, cachorro quente entre outras delícias cheias de histórias de afeto. A gastronomia traz conexão e histórias de famílias e de culturas.

Figura 10 - A paixão de Dizer



Fonte: Foto: Ana Beatriz Hosken Cunha – 2017

Neste primeiro dia, podemos observar muitas possibilidades para nos conectarmos e compartilharmos nossas histórias, lendas, hábitos, características pessoais e culturais. Um “chão de diálogo” que abriu círculos de palavra que integradas a metodologia colaborativa da pedagogia da cooperação proporcionou uma jornada cheia de transformações e empoderamento, principalmente pela diversidade de representantes de culturas diversas.

Segundo Galvani:

“...num círculo de palavra transcultural, não se trata de buscar a causa ou a explicação de um símbolo ou um mito. Não se trata de explicar porque tal pessoa o produziu, trata-se ao contrário, de explorar os diferentes significados que ele releva aos participantes. Cada imagem simbólica, explorada em sua pluralidade, revela novos sentidos e nos revela para nós mesmos”. (GALVANI, 2001, p.15)

Com isso, podemos perceber pela riqueza dos depoimentos descritos a seguir que as histórias de vida são partilhas de significados onde temos a oportunidade de nos redescobrir quer seja pelas emoções ou pelos contextos históricos e sociais.

G: “Das histórias que vieram... esses convites não são à toa. Todos eles trazem uma emoção; seja o medo, a paixão, o riso... a gente tende a achar que a emoção é

sempre uma coisa boa ou ruim, mas as emoções são universais. A gente sente na Coreia, na China, em Portugal, na Síria, no Brasil, em Cuba, na Venezuela... e é o que nos conecta com a essência humana. É isso que faz a gente diferente dos bichos, vai se transformando em bicho homem e vai tecendo a nossa humanidade. E dizem que a emoção é a cola da memória. Quando a gente ouve alguém, a história desse alguém, aquilo fica marcado na gente, no corpo, na alma. Eu escutei de uma médica, na verdade isso vem escrito; inimigo é aquele que a gente não conhece a história, pois quando a gente se abre para conhecer a história do outro dificilmente você não consegue se conectar com ele e compreender de alguma forma. Mesmo que fosse visto antes como inimigo, porque cada um tem um lado da história. E a proposta é que a gente se conectasse através dessas histórias, através de todas as emoções que permeiam a nossa humanidade”.

M: “Quando o A. contou da infância dele, parece que eu me vi na cidade dele, na brincadeira dele...Foi como se eu estivesse lá”.

C: “Eles dois falaram um pouco de amor próprio. Falaram também do sentimento de sair do seu país e se encontrar sozinho e como o amor próprio é importante nesses momentos. E como o amor das pessoas fazem eles se fortalecerem nessas dificuldades. Eu achei muito bonito”.

Lu:” Essas histórias do nosso grupo, elas mexem muito. É a história de todos nós que estamos aqui em outro país, sozinhos. Eu não consigo falar disso tão rápido porque eu fico muito vulnerável. Em meu próprio processo, eu preciso estar em outra fase. Eu tenho que trabalhar constantemente para não sucumbir. Aí quando escuto essas histórias que são as minhas próprias histórias, nossa, mexe muito. É difícil abrir em qualquer momento, com qualquer pessoa, porque ficamos vulnerável. Temos que ser guerreiros aqui”.

G: “Agradeço imensamente a sua fala. Porque a nossa vulnerabilidade também é a nossa fortaleza. E é muito difícil. Estamos todos nessa mesma empreitada. E eu agradeço imensamente por essa abertura, por esse compartilhar”.

Do: “Cada vez que estou, em situações de falar alguma coisa da vida, eu sinto que estou como de frente a um espelho. Estou olhando muitas coisas que às vezes quero esquecer, eu quero deixar lá. Mas quando confronto situações assim, é difícil. Mas também acontece que quando faço uma reflexão, eu percebo as fortalezas que eu tenho. E não é pouco. Tem tantas coisas que aconteceram quando eu saí do

meu país...eu olho para mim e falo: Douglas você tem uma fortaleza incrível. Então, todos os dias eu falo para mim: vai, vai, vai ...que você vai conseguir. Uma frase que eu estou escutando: vai dar certo, muita sorte, vai dar certo. E então, todas as coisas que acontecem eu coloco na “mochila” e vou para frente com elas. Enquanto posso, vou deixando em algum lugar. É forte! Eu não gosto de utilizar essa palavra difícil, mas é muito forte. Eu lembro quando eu saí do meu país uma frase: às vezes as pessoas não sabem o tamanho das asas, mas elas são maiores do que os problemas que tenho. Só percebemos isso quando precisamos voar. E aí eu dou conta que minhas asas são maiores que meus medos”.

G: “Eu gostaria de convidar todos a levantar e honrar todas essas falas que fazem parte de todos nós, porque somos seres interdependentes. Quando um conta uma história, essa é a minha própria história também. A gente se cura. É importante que a gente crie esses espaços para criar nossas asas. Respiração! Em uma conversa entre Eduardo Galeano e com um colega após uma palestra surge a questão sobre o um conceito de utopia... Utopia é como se fosse o horizonte. O horizonte está lá. Eu caminho dez passos. O horizonte se afasta dez passos. Eu caminho mais dez passos e o horizonte se afasta mais dez passos. Para que serve a utopia\ Serve para isso, serve para caminhar. Estamos juntos caminhando e, a gente se fortalece”.

Segundo Galvani:

“nas culturas ameríndias, o círculo de palavras é o espaço onde o grupo estabelece o conselho. Não se trata de um debate polêmico, mas de um lugar de exploração coletiva do sentido da experiência vivida”.

E mais adiante complementa:

“é a experiência que ensina diretamente. Se os índios não explicam, não é por gosto do segredo, mas porque a experiência é mais rica do que todas as palavras que qualquer pessoa coloca sobre ela”.(GALVANI, 2002, p.13)

2.8 COM-TRATO

Figura 11 - Construção coletiva do Contrato



Fonte: Foto: Ana Beatriz Hosken Cunha – 2017

Os objetivos desta prática, segundo Fábio Broto:

é estabelecer Acordos de Cooperação e de Com-Vivência para que cada pessoa e todo o grupo tenha conhecimento dos cuidados necessários para promover e sustentar o uma sensação de bem-estar pessoal e coletivo.(BROTTO, ano, p.16)

Pergunta inspirada: Quais são os cuidados que precisamos ter para conviver bem aqui, durante o tempo que estivermos reunidos?

Segundo Broto:

“Para que os objetivos sejam atingidos as atividades precisam ser inclusivas e descontraídas. Atividades que estimulem o compartilhar, a comunicação genuína, o diálogo aberto e empático, onde todos os “pedidos” são bem-vindos e aceitos sem julgamento. E como Metodologias Colaborativas ele nos

indica: Diálogo, Aprendizagem Cooperativa, Jogos Cooperativos e Investigação Apreciativa. (BROTTO, ano, p. 6).

Ainda nos orienta para incluir e valorizar todos os “pedidos”, sem julgamento de certo e errado, bom e mau, mesmo aqueles que parecem “não ter nada a ver”. Tão importante como os “pedidos” em si, é valorizar a pessoa que faz o pedido. É ela que está pedindo para ser reconhecida e atendida.

Essa prática da Pedagogia da Cooperação conversa diretamente com o conceito de transdisciplinaridade, que segundo Morin, em *Le Cercle des Anciens*, p. 387 no texto do Galvani:

“reconhece a multiplicidade de vias de conhecimento que representa uma diversidade para a humanidade inteira. Nesse sentido ela abre para o nascimento de uma visão aberta (...). Ao invés de excluir, a abordagem transdisciplinar nos revela o jogo das inclusões”. (GALVANI,2002, p13).

Com os depoimentos, podemos observar a multiplicidade dos níveis de realidade e dos níveis de consciência, contudo nesta etapa percebemos as possibilidades que a Pedagogia da Cooperação e a autoformação traz de inclusão e respeito pelas diferenças, mergulhando no que é construído e está entre, além e através de todas as culturas.

P: “Nessa caminhada a gente precisa de alguns ingredientes. Vou dar o exemplo do bolo de milho que eu espero que vocês tenham gostado, que eu fiz com muito carinho para todos vocês. Nessa jornada vamos refletir quais são os ingredientes necessários para que essa caminhada seja inesquecível. Para que essa vivencia seja memorável e traga transformações, insight, reflexões, principalmente para que a gente se conecte”.

B: “É como se fosse algo que a gente tem e a gente sempre vai lembrar que a gente pode a qualquer momento, acessar esses combinados do grupo. São combinados. Aqui cada um vai trazer uma necessidade, um ingrediente que precisa que exista nesta jornada para que eu me sinta cem por cento parte dela”.

Do: *“Na verdade nós começamos a escrever e cada um olhou o que o outro escreveu. A primeira palavra foi happy – felicidade, compreensão mútua, pensar e trabalhar como um grupo, crescer/melhorar juntos, trabalhar como puder, respeitando o ritmo de cada um”.*

N: *“Eu tenho uma coisa mais pessoal, trabalhar para melhorar nossa capacidade, nosso conhecimento... estudar mais, na nossa formação. Trabalhando você, isso irá afetar positivamente o grupo. Cada um se desenvolvendo para desenvolver o grupo”.*

Do: *“Tem uma muito importante aqui. Não renunciar e seguir para frente. Não desistir. Persistir. Queremos nos sentir em família. Ter oportunidade para expressar o melhor dos potenciais. Ser parte dessa família chamado Abraço. Pertencer. Temos uma coincidência muito boa aqui. Queremos ser parte da família. Gratidão”.*

Lu: *“O Abraço é um espaço que oferece oportunidade de ser”.*

A: *“Amor próprio, grupo, escutar, energia, trabalho, tempo para o grupo”.*

C: *“A frase final foi: O comprometimento vem da escuta e confiança trabalhada em todo o grupo. Isso traz tranquilidade e paz”.*

L: *“As palavras que surgiram foram empatia, pertencimento, coletividade, comunidade, amor. E estávamos pensando como unir essas palavras. E aí surgiu essa ideia e ficou: Eu amo, Tu empatizas, Eles e Elas pertencem e Nós construímos juntos. Para mim faz muito sentido porque todo mundo falou de amor, todo mundo tem amor por estar aqui, por trabalhar aqui, pela causa. E quando a gente encontra empatia no outro fica mais fácil de sentir que pertence e assim a gente consegue trabalhar junto e construir a coletividade, essa comunidade”.*

Lu: *“Eu queria contar uma reflexão a partir de comunidade que nós estávamos falando aqui no grupo. Temos usado muito essa palavra. Seria bom que o projeto do Abraço ressignificasse, a partir do amor, a palavra comunidade para construir, quiçá outra forma, dessa comum-idade. Não é que agora sejamos todos iguais, senão esse comum dentro do diferente. Construir esse comum dentro do dissenso. Para mim o comum é o que não é próprio, assim conseguimos que seja de todos”.*

B: *“O que você está trazendo Lu é um dos pilares da pedagogia da cooperação. E nessa caminhada a gente tem exercitado muitas vezes de uma maneira desafiadora, como nos sentimos pertencentes na diversidade; diversidade de opinião, visão de*

mundo, religião. E é impressionante que quanto mais diversidade existe, mais rico o processo fica. A diferença é muito enriquecedora”.

G: “Pegando um gancho no Fabio Broto que fala que para cooperar a gente tem que ter a liberdade de ser quem somos em busca do bem comum. Então cada um dentro da sua diversidade, ser quem se é em prol de um bem comum. E ele fala que é muito importante a gente ter o princípio ativo da mente inclusiva. Incluir o que é igual a gente é muito fácil”.

Do: “Você falou sobre empatia. E nós estamos precisando muito disso. Pois muitas vezes falamos que compreendemos, mas enquanto uma pessoa não coloca os sapatos do outro, mas colocar realmente. E não adianta falar para uma mãe que perdeu um filho, eu sei o que você está sentindo...sem ser mãe. Eu tento, tento, tento e pode ser que eu vou chegar a compreender aquela dor que ela tem. É difícil. Pois não há uma inclusão assim. Ter empatia é muito importante, mas uma empatia real”.

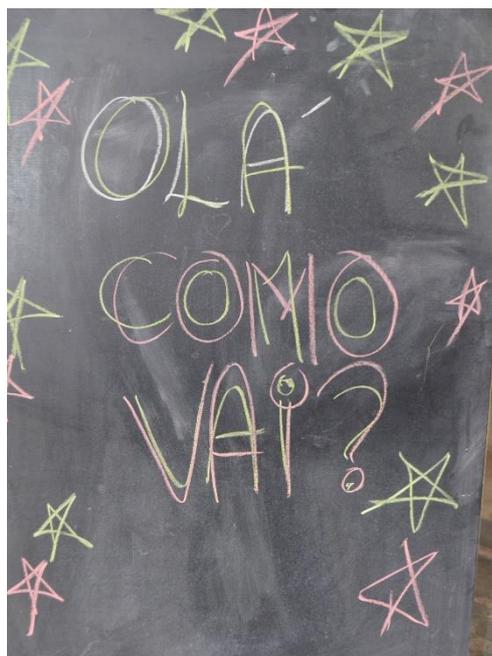
L: “Uma coisa que eu falei sobre empatia é que é um exercício constante. As vezes a gente acha que está tendo empatia, mas na verdade a gente está pensando no que eu sentiria se eu estivesse no lugar daquela pessoa. Não o que aquela pessoa está sentindo. Então a gente acaba julgando”.

G: “Quando a gente faz um pedido, quando a gente traz o que é importante para a gente. Aqui estamos fazendo um contrato, para que todos zelem por ele, mas o principal responsável pelo que é tão importante para mim, sou eu mesmo. Autonomia de ser o guardião, o zelador daquilo que é tão importante para mim. Atitude, pois tendemos a delegar ao outro. E como a gente aprende isso juntos. Como a gente aprende a identificar e a pedir”.

Dança para assinatura do contrato – HEI-HO-HU selando o nosso acordo. Reza a lenda que em uma das nossas pernas mora o orgulho e na outra a soberba. Para que a gente consiga ter empatia é importante lembrar de flexionar, dobrar o orgulho e a soberba para receber e enxergar o outro com toda a sua beleza e com a sua feiura. Pois não podemos esquecer que somos luz e sombra.

Figura 12 - Contrato elaborado coletivamente

Figura 13 - Mensagem no quadro no segundo dia



Fonte: Foto: Ana Beatriz Hosken Cunha – 2017

Após degustarmos o impacto que já os primeiros passos **Com-Tato** e **Com-Trato** deflagraram no processo de (auto) formação do grupo Abraço Cultural durante o primeiro dia, estávamos ansiosas para descobrir a dimensão que o seguimento do percurso das sete práticas da Pedagogia da Cooperação alcançaria na construção dessa comum-idade.

Considerando o alimento fração significativa da experiência, iniciamos nosso segundo dia com um almoço coletivo, imprimindo ao ambiente uma atmosfera familiar. Ambiente que contribuiu para o revelar de preciosos “ingredientes” individuais e coletivos ao longo das práticas subsequentes. Para Broto, essa é a própria essência da Pedagogia da Cooperação:

“criar ambientes colaborativos onde cada pessoa, grupo, organização e comunidade possa VenSer plenamente quem É para poder SerVir mais completamente ao bem comum”.(BROTTO; 2016 p.1).

E, segundo Galvani

“o espaço físico, na sua dimensão material e simbólica, é um dos polos da tríade da formação humana, chamado Eco(formação)”. (GALVANI; 2002 p.3),

O espaço-tempo que vivemos influencia fortemente a cultura humana e seu imaginário.

Figura 14 - Almoço com Atmosfera Familiar



Fonte: Foto: Ana Beatriz Hosken Cunha - 2017

“Desenvolvemos nossas competências e construímos conhecimento mediante a nossa interação com as coisas e a relação que estabelecemos com os signos dessas” (LEVY; 1998 p.27).

Palavras como *Macarrão*, *Molho de tomate* e *Manjericão* foram citadas no encerramento do dia, como símbolos dos momentos vividos, fato que denota o que Galvani chama de “ecologização: retroação do indivíduo derivada da interação com o meio ambiente físico”. (GALVANI; 2002, p.3)

Visando aprofundar o com-tato e a integrar os recém-chegados ao movimento do grupo, solicitamos que estes, assim como todos no dia anterior, compartilhassem a história dos seus nomes e uma característica marcante de si. Cada relato funcionou como um passaporte para o berço da cultura daquele que contava e como ponte de conexão entre os presentes:

O.: Na minha terra, na minha cultura, a gente tem um nome tradicional, que é um homônimo de uma pessoa da família (segundo nome)... Um povo que se chama Dyullá, quando a criança nasce consulta o futuro dessa criança, parece que o nome influencia o nome dessa pessoa. E O. é um nome russo que quer dizer mulher determinada, ousada e penso, vi no meu percurso que sou assim mesmo...quando cheguei aqui, logicamente tudo está disposto para me impedir...é um novo começo...se todo dia posso acordar, estou bem de saúde, eu posso andar eu posso me mover, o que pode me impedir...assim que eu vejo a vida. Ousadia porque tem muita gente que diz que você não vai conseguir...pai eu agradeço, eu posso, eu vou conseguir.” Ousadia foi a característica escolhida por O. para definir um pouco sobre sua pessoa.

S. “Meu nome é S.L., significado do meu nome é árabe, mas tem muitos significados e depois eu tenho o Ki Ualá Ualê que é um nome em Yorubá, é um conjunto de nome Ki Ualá Ualê, que quer dizer a felicidade/riqueza/prosperidade entra em casa. Cheguei aqui ensolarado...” A característica escolhida por S. para se definir foi Sensato.

S.: “-Sou negro, não posso fingir, eu nasci em uma cidade bem pequena que se chama Lagos...infelizmente no meu país nós falamos mais ou menos 500 dialetos, com uma língua oficial que chama inglês. Nós temos 3 tribos: Igbo, Yorubá e Annang...sou muçulmano e meu nome quer dizer agradecer. Na minha cultura, sua religião é o primeiro nome e sua tribo o nome do meio, sempre com dois nomes... S. Uala Ualê que significa rico/riqueza vem para casa.”

N.: “ - Meu nome significa luz. Meu pai me chamou assim, porque quando chegou para ver minha mãe no hospital o sol estava nascendo. Não gosto muito do meu nome, porque todo mundo na Síria tem esse nome. Tenho três pessoas na minha família que tem o mesmo nome e sobrenome. Na escola 10 pessoas, feminino ou masculino.”

N. nos conta ainda que quando se apresenta para pessoas que não encontrarão mais ela diz outro nome que não N.

Do.: “ - O que eu sei do meu nome é que minha mãe pensava em colocar outro nome: Xavier. Mas quando foi a maternidade o doutor que a atendeu se chamava D. Esse nome é anglo-saxão pela pesquisa que fiz. Gosto muito do meu nome, minha

palavra é Criatividade. Sempre procuro dar um jeito diferente às coisas para que eu goste mais. Gosto de cores, sol, energia, cor para mim é energia...”

Esses relatos de suas origens e identidades, somados à saudação **Olá Como Vai** nas diversas línguas, permitiram a valorização da história de cada um e o reconhecimento do outro como pessoa. Esse re-conhecer do outro, segundo Fabio Brotto (BROTTO, 2016 p.5) é o primeiro passo para a com-vivência, um princípio fundamental para que a Pedagogia da Cooperação aconteça.

Figura 15 - Olá em seu idioma nativo



Fonte: Foto: Ana Beatriz Hosken Cunha - 2017

Entendemos que a partilha da história do nome foi um exercício de ordenação da historicidade de vida individual, que permitiu a construção de um tempo próprio, fundamental no processo de autoformação (PINEAU; 2008, p.7). Além disso, promoveu a conscientização de como as histórias e hábitos pessoais, familiares, sociais e culturais nos formam e de como formamos e transformamos estes, num círculo imbricado de hetero e autoformação (GALVANI; 2002, p.8).

Compreendendo que a situação originária do refúgio de nosso público está diretamente relacionada com a sua não legitimação humana, praticar esse reconhecimento da verdade individual de cada um é também uma forma de inclusão.

Ao longo da aplicação das sete práticas, fomos evidenciando o poder da pedagogia viva, destacada por Brotto (BROTTO; 2016 p.2) como uma jornada orgânica de passos de realização exterior para que uma transformação interior individual e coletiva aconteça, num processo de descoberta de si mesmo e de sua *comum-unidade* com os outros.

Acreditamos que a transformação e a descoberta nada mais são que um processo de aprendizagem. Entendemos que não existe aprendizagem sem afeto (do latim *ir em busca de*) e as perguntas funcionam como alavancas que nos mobilizam nessa busca. Humberto Mariotti destaca: “as respostas nascem das perguntas; mas se todos deixarem de perguntar, de onde virão elas?” (MARIOTTI; 2000 p. 115).

Com objetivo de provocar o grupo a fazer perguntas, para trilhar o caminho de transformação, durante a prática *Compartilhar Inquietações*, o nosso convite à reflexão foi: *O que nos inquieta em relação ao pertenc-Ser?*

Emergiram, então, diversas questões, que após um processo de escolha por consenso, se transformaram nas seguintes perguntas: *Por que às vezes não nos sentimos parte? O que precisa ser feito se você sentir que não é parte, pertence ou que você perdeu o sentimento de pertencimento em um grupo? Não seria melhor que estivéssemos falando desde o começo e não só no final?*

Adotar e confiar neste processo de seleção orgânica das questões mais “quentes” para o grupo nos fez constatar a afirmação de Brotto:

*“Cada pergunta é como se fosse um cristal refletindo todas as demais. Cada pergunta inclui todas as outras. É como um “fio de meada” onde puxando-se uma todas as demais vêm juntas.
“ (BROTTO, 2016; p.17)*

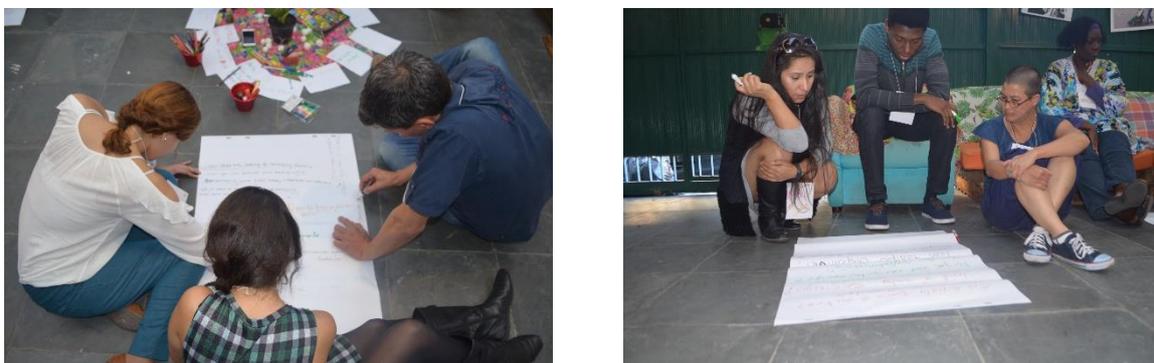
Percebemos que essa prática evidencia a nossa formação, como uma abordagem interior: autoformação (GALVANI; 2002, p1). Uma vez que a própria reflexão sobre o que nos inquieta em relação ao pertencer, reuni os três processos de retroação que acontecem a partir das nossas interações com os outros e com as coisas: “de si sobre si (subjetivação), retroação sobre o meio ambiente social (socialização) e retroação sobre o meio ambiente físico (ecologização)” (GALVANI; 2002, p.4). Necessariamente o pertencer está relacionado à minha interação com os outros, com o território e comigo mesmo, na medida que também sou responsável por me fazer parte.

Interessante comentar que “acessar” esse lugar de o que nos inquieta é tão “autos” que as perguntas surgiram nas línguas nativas ou de maior domínio do que o português, como o inglês.

Quando pensamos no contexto multicultural característico desse público, esses questionamentos encontram eco no que Galvani (GALVANI; 2002, p.12) definiu como abertura de círculos de palavra transculturais no processo de autoformação, que podem ser entendidos como espaços de exploração coletiva do sentido da experiência vivida. A autoformação a partir da exploração de questões fundamentais, como por exemplo: pertencimento.

Entendemos que a própria prática *Compartilhar Inquietações* reserva em si o cerne da autoformação, pois é o questionamento que nos desloca, nos permitindo sair do “status quo”, como destacado por René Barbier: "Formar-se, uma interrogação permanente" (BARBIER; 1984, pp. 101 a 106, GALVANI,2002, p.12).

Figura 16- Compartilhando Inquietações



Fonte: Foto: Ana Beatriz Hosken Cunha – 2017

No percurso da Pedagogia da Cooperação a prática que se segue às Inquietações subverte a lógica comum que consiste em buscar na sequência imediata, respostas para as questões levantadas pelo grupo. No lugar de perguntar-responder, favorecendo a perpetuação do raciocínio linear, Fábio Brotto propõe uma pausa para restaurar e/ou fortalecer as relações de parceria do grupo.

Para a nossa prática de *Fortalecer Alianças e Parcerias* desse dia, escolhemos como o jogo principal a *Ponte de Cordas*, cujo objetivo é que o grupo, com uma corda, sustente uma “ponte” para que alguns integrantes consigam

caminhar. Um exercício de profunda e mútua confiança, entendendo o confiar à luz da concepção de Fábio Brotto à respeito, que é, “estabelecer um pacto de cumplicidade e de uma certa maneira, entregar o destino da própria vida nas mãos uns dos outros”.(BROTTO; 2016, p.8)

Esse jogo, nos levou a viver fortemente os desdobramentos da *Ensinagem Cooperativa* (BROTTO 2016 tabela p.13): a importância de experimentar para aprender; a ampliação da consciência a partir da reflexão sobre o que foi experimentado; o diálogo com compartilhar de insights para transformação individual e coletiva e a transcendência, mediante inspiração para aplicar na prática os insights.

Galvani explica o poder da experiência como aprendizagem significativa a partir das culturas ameríndias: “se os índios não explicam, não é por gosto do segredo, mas porque a experiência é mais rica do que todas as palavras que qualquer pessoa coloca sobre ela. Ninguém possui a legitimidade de impor sua representação limitada do real a quem quer que seja”. (GALVANI; 2002, p.13)

E dessa rica experiência nasceram relatos e insights como:

“Nesse jogo a gente sabe onde vai pisar, está olhando as pessoas que estão segurando...não é uma situação que estamos às cegas...temos situações que temos que ir para frente e não conseguimos ver onde pisar, então tem que encorajar/confiar...é mais como ter confiança em si mesmo e nos outros...coragem. Resumo disso é que o pouco tempo que estou aqui é um tempo de respiro,de paz...pelo menos,posso falar algumas coisas...temos as mesmas situações, interesse para trabalhos, tem uma coincidência aí...é como um oásis!”

“...é minha experiência...eu não gosto de pedir ajuda...muitas vezes tenho medo...trabalho com medo para que ele não me atrapalhe...que sirva para eu ficar esperta mas que ele não me invalide...fica bem difícil para mim...tenho que trabalhar isso...as vezes sim precisamos de ajuda...”

É uma condição maravilhosa que temos aqui hoje, nem toda vez é assim...

Aqui no Brasil, não é possível falar com o outro...ou você é barra pesada ou o outro está ocupado, nunca fui ao psicanalista até chegar aqui, porque canalizava isso com meus amigos.”

“Na minha família meus pais sempre disseram você é capaz de fazer isso sozinha, você precisa ficar independente, ninguém ajuda mais você do que você mesma.

Um amigo meu me falou: Quando uma pessoa ajuda você, isso não é uma coisa ruim, todo mundo precisa de ajuda de todo mundo, mas no mundo capitalista sempre tem isso – essa pessoa me ajuda e depois eu preciso pagar um preço para essa pessoa...Nós imaginamos que fazemos coisas sozinhos, mas fazemos tudo com os outros...Difícil quando chega em um lugar novo...não tem amigos para falar, não tem a família para falar... isso é porque é importante falar não só coisa de trabalho, mas coisas pessoais, estamos no mesmo barco...nossa família. Nós precisamos um do outro aqui no Brasil.”

“O projeto de Abraço tem essa oportunidade de ser diferente nesse sentido e tem essa potencialidade, que não é o trabalho, tem essa possibilidade de ser a família de muitas pessoas...a diferença total com qualquer outra coisa...Abraço poderia perceber claramente essa oportunidade/potencialidade e trabalhar nisso”.

Fica claro nos relatos que fomos ensinados a não confiar e que pedir ajuda é sinônimo de fraqueza, incapacidade ou mesmo incompetência. Na cultura vigente, não é permitido ser vulnerável, e por isso, para que a cooperação floresça no lugar da competição, é fundamental criar espaços em que seja possível modificar o olhar para essas questões (BROTTO; 2016, p.8).

“...A atenção à nossa própria dinâmica corpo-mente é uma atitude fundamental, que proporciona maior sensibilidade, aumento da capacidade de aprender e diminuição de resistência à mudança. Se o momento presente é um processo, um vir-a-ser, se está sempre mudando, estar vivo é prestar atenção a essas transformações e seguir mudando junto...”
(MARIOTTI; 2000 p.226)

Por mais dependente que sejamos do meio ambiente físico e dos outros, não somos apenas o resultado da interação com esses, somos palco da individuação, retroagimos individualmente à essas interações (PINEAU; 2008, p. 2), somos o suporte permanente da nossa formação.

Após a intensidade das experiências vividas ao longo dessa jornada, escolhemos encerrar nosso dia com um círculo de massagem, experimentando, em silêncio, através do toque, cuidar e ser cuidado. Como Leonardo Boff define, cuidado

é o modo-de-ser essencial do ser humano, o que viabiliza a nossa humanidade (BOFF; 1999 p.13).

Notamos que o percurso da Pedagogia da Cooperação privilegia a autoformação no nível das interações práticas, experienciais. Onde a tomada de consciência, segundo Galvani (GALVANI; 2002, p.8), acontece a partir da interação sensório-motora com o ambiente e com os outros. Esta dimensão gestual, aprofunda a aprendizagem para além do nível epistêmico, com predominância racional/científica e análise lógica/formal, pois é o sentido prático “que forma a pessoa e a cultura no cotidiano.” (Hall 1971,1984; Jousse 1974; Jullien 1996)

2.10 DIA 3 – SOLUÇÕES COM-UNS E PROJETOS COOPERAÇÃO

“Quando não se re-conhece o outro, não há estímulo para uma boa convivência.” (Brotto, 2016,)

O início da caminhada desse terceiro dia é um marco especial já que evidencia logo em seu início a qualidade da convivência que estava sendo cultivada por esse grupo (depois de dois dias onde houve trocas e partilha das histórias pessoais tão caras a cada um, diálogos profundos, partilha dos sabores das refeições) nessa jornada potente da pedagogia da cooperação com o Abraço Cultural.

Figura 17 - Compartilhando aprendizados do dia anterior



Fonte: Foto: Ana Beatriz Hosken Cunha - 2017

Nesse terceiro dia iniciamos com a partilha emocionada de Anshi, professora peruana, que aqueceu o grupo com uma cantiga de roda de seu povo, chamada “Arroz con leche”. E então, Douglas, professor venezuelano, partilhou em seguida a versão que conhece da mesma cantiga de roda. Por fim, Ludmilla, professora cubana, também acrescenta a versão cubana da mesma cantiga. Desse campo fecundo da convivência, do com-tato, emergem os talentos coletivos, e principalmente, o que os une em suas diferenças através da cultura, da música. O grupo por si revela a unidade que existe na diversidade.

O grupo começa a se reconhecer também através desse poderoso encontro de saberes. Nas palavras de Pierre Levy:

“Postulemos explícita, aberto e publicamente o aprendizado recíproco como mediação da relação entre os homens. Quem é o outro? É alguém que sabe. E que sabe as coisas que eu não sei. Poderei associar minhas competências às suas, de tal

modo que atuemos melhor juntos que separados.” (LEVY, 2007, p. 23).

Na experiência seguinte, no início do terceiro dia de trabalho, eles se dividiram em duplas, e compartilharam como foi a experiência do dia anterior (insights, reflexões) e depois reunimos todos em uma grande roda para diálogo, ou seja, abrimos a oportunidade de partilha do que foi conversado em duplas no grande grupo.

Um professor sírio compartilhou duas experiências bastante significativas que ele teve quando chegou ao Brasil, que são histórias que o inspiram a confiar que pode realizar aquilo que quiser, seus sonhos. E ele finalizou com a seguinte reflexão:

“Em dois dias conhecemos muito sobre as histórias de cada um de nós, construímos uma relação de confiança, ou seja, nos conhecemos muito. Posso dizer que sim, somos uma família, como ainda não tinha sentido antes aqui. “

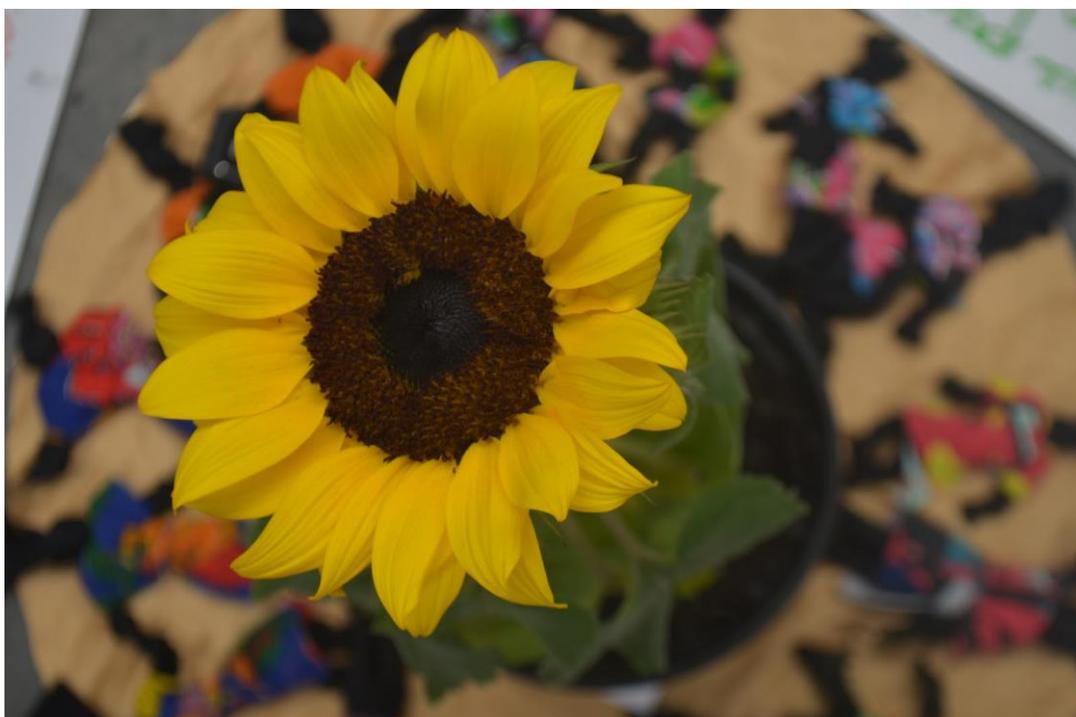
De acordo com a fala do professor sírio, com a jornada que estávamos vivenciando juntos da pedagogia da cooperação, passou a existir entre todos um sentimento de pertença, de amizade, comunhão, apoio, um “sentir-se em família” com e entre aquele grupo de professores e coordenadores que antes somente se encontravam de passagem na Ong, ou em reuniões pontuais de trabalho.

Falas como essa indicaram naquele momento que a mágica estava acontecendo, ou seja, esse grupo estava caminhando na direção do que nas palavras de Fábio Brotto, a Pedagogia tem como propósito:

“É importante destacar que o propósito essencial da Pedagogia da Cooperação é criar ambientes colaborativos onde cada pessoa, grupo, organização, possa VenSer plenamente quem È para poder servir mais completamente ao bem comum. “ (BROTTO, 2016, p.1).

No momento inicial do dia, depois da dança, apresentamos o nosso centro, o que esta “entre nós”, favorecendo a nossa conexão. Este era um um belo centro circular decorado com um girassol e bonecas abayomis. Então, um de nós partilhou qual é a simbologia dessas bonecas. Essas bonecas, resumidamente, são feitas de saias de mulheres negras e escravas que rasgavam as suas roupas para fazer bonecas para as crianças, enquanto viajavam longas horas nos navios negreiros. Partilhamos também com o grupo que abayomi no dialeto *iorubá* quer dizer “encontro precioso”, o que também é bem simbólico para o centro.

Figura 18 - Centro do terceiro dia com Abayomi



Fonte: Foto: Ana Beatriz Hosken Cunha - 2017

Neste momento houve uma partilha de uma integrante do grupo, a Ludmilla, que chamou atenção em especial.

“Eu acho importante pensar como essas bonecas se reatualizam em cada momento e em cada um de nós, para seguir na vida, porque senão ela morre e fica só como uma tradição”. E aí, como reatualizamos ela em cada momento é uma decisão. Por exemplo, nos meus momentos difíceis tenho feito bonecas. Elas também não tinham

rosto e eu as fazia com os restos de minha vida. Eu varro minha casa, e eu pegava aquela poeira e tudo que encontrava ali para construir ela.”

Um parênteses sobre essa partilha, é uma fala de Ludmilla, no primeiro dia de jornada, que diz sobre o seu processo de recomeço na condição de imigrante: “É uma benção estar aqui como professora, ter essa oportunidade de recomeçar, mas não está sendo fácil também me recriar do zero, e ter de descer degraus. Lá em Cuba eu fiz mestrado em linguística e já trabalhava nessa área específica.”

A primeira fala de Ludmilla, evidencia o quanto somos sujeitos ativos no processo individual de transformação, fato que o biólogo Humberto Maturana definiu como autopoiese, ou seja:

“Os seres vivos são sistemas que produzem continuamente a si mesmos. Esses sistemas são autopoieticos por definição, porque recompõem continuamente os seus componentes desgastados. São redes de produções moleculares. As moléculas produzidas produzem a mesma rede que as produz. Pode-se concluir, portanto, que um sistema autopoietico é ao mesmo tempo produtor e produto.” (MARIOTTI, ANO, pag 71)

Fazendo um paralelo com o conceito de *autoformação*, somos ao mesmo tempo produtor e produto já que estamos sob influência constante dos pólos eco e hetero formativos. Um processo tripolar:

“O processo de formação conduzido pelo pólo hétero inclui a educação, as influências sociais herdadas da família, do meio social e da cultura, das ações de formação inicial e contínua, etc. Essa hetero-formação é definida e hierarquizada de maneira heterônima pelo meio ambiente cultural. A formação conduzida pelo pólo eco se compõe das influências físicas, climáticas, e das interações físico-corporais que dão forma à pessoa. Ela inclui também uma dimensão simbólica. O meio ambiente físico em todas as suas variedades (florestas, desertos, países temperados, metrópoles urbanas, etc.) produz

uma forte influência sobre as culturas humanas, bem como sobre o imaginário pessoal, que organiza o sentido dado à experiência vivida. já que enquanto sujeitos ativos em auto-formação estamos sob influencia das relações, ou hetero-formação, e das coisas, do meio, de acordo com o conceito de eco-formação, cunhados por Galvani.” (GALVANI, 2002, p.3)

Ludmila, sujeito ativa nesse processo de produzir a si mesma, escolhe fazer bonecas *com os restos de sua vida*, como ela mesmo disse. Da maneira mais bonita nos convida a refletir sobre a responsabilidade e autonomia que temos no processo de te-Ser quem queremos ser independente de circunstâncias, quando diz “E aí, como reatualizamos ela (a boneca) em cada momento, é uma decisão de cada um.”

A atividade que denominamos *Ritual do suco das virtudes* representa um marco na jornada, ali aquele grupo que até então tinha convivido e se conhecido, fortalecido vínculos, agora estava caminhando para criarem juntos, algo novo nascia, com os *ingredientes* de cada um.

Para contextualizar fizemos um suco juntos, nesse ritual cada ingrediente representava uma virtude da Pedagogia da Cooperação, as quais são: Integridade, Desapego, Abertura para compartilhar e Atenção Plena.

Escolhemos a bela música de Déia Trancoso, chamada “filho da folha” -que a professora de Cuba, em um dos cafés apresentou para uma de nós - como trilha sonora do ritual, e então em círculo, apresentamos à mesa cada ingrediente- virtude, e cada dupla ficou com uma das virtudes. Iniciado o ritual, música, tambor, cada dupla em sua vez era convidada a ir ao centro do círculo e responder ou representar com o corpo: Qual o seu ingrediente para atenção plena?, por exemplo.

Houve falas como “ Escuta. É preciso escutar o outro, de verdade. parar tudo e concentrar nessa escuta.” (professor sírio)

Ali estavam em uma mesma receita os ingredientes essenciais para aquele grupo. Por fim, como parte da ritualística, todos bebemos desses valores que traduziam e revelavam aquela mais nova comum-idade.

Pedagogia da Cooperação é te-ser junto, não existem muros entre quem “aplica” e quem vive o processo. Um dos pilares das sete práticas da Pedagogia da Cooperação, Enquanto aplicadora estávamos” iluminando o quarto escuro” para que

a chama da inteligência coletiva despertasse e incendiasse aquele espaço-grupo, e junto deles co-criamos essa teia *multicultural*. Uma de nós entrou com o tambor no círculo, cantamos, dançamos, nos emocionamos também, e bebemos juntos desse suco das virtudes.

“Enquanto Pedagogos e Pedagogas da Cooperação, nossa tarefa é criar e manter um ambiente de Co-Educação, sempre nos sabendo Mestres-Aprendizes da Cooperação, contribuindo para o desabrochar da Consciência de Cooperação em cada pessoa, em cada grupo, em cada instituição e em toda a Comum-Unidade Humana.” (BROTTO, 2016, p.5)

2.11 DIA 4 CELEBRAÇÃO

Figura 19 - Mensagem do último dia



Fonte: Foto: Ana Beatriz Hosken Cunha - 2017

A aplicação no último dia iniciou-se com grande expectativa de todos, dos participantes e da equipe pesquisadora. Ficamos cinco dias sem vivenciar a magia da pedagogia da cooperação e tínhamos um grande desafio pela frente: reconectar o grupo, construir o ambiente de acolhimento, confiança e colaboração vivenciado no final de semana anterior.

O convite para iniciar a jornada começava com a mensagem na entrada da ONG Abraço cultural “Boa tarde, sintam-se abraçados”. O chamado para aquecer os corações foi com a dança circular ao som da música da Roberta de Sá: Ah se vou!. Os movimentos corporais acompanhavam o ritmo da música e não demorou muito

para sentir a alegria, ver os sorrisos escancarados, ouvir as gargalhas... sentia-se a energia do grupo. A dança tem o poder de trazer a presença plena de cada um de nós, e também, promove o bem-estar.

A música e a dança são elementos que estimulam a fabricação de dopamina, que é o neurotransmissor responsável pelas sensações de prazer. Ao final da dança a alegria, o prazer de estar nesta jornada dominava os participantes e mais uma vez a sensação de que bons acontecimentos estavam por vir.

Em seguida convidamos todos para o check in para falarem o que estava pulsando no coração e poderia ser com uma palavra, frase, poesia... uma situação inusitada, um dos participantes estavam sem voz, e a participação foi através da comunicação escrita. O grupo aceitou, incluiu e acolheu, ouvimos todas as vozes...

“emoção... saudade... energia de família... aprendemos muito e o que vamos aprender mais...o que mais vem.. Troca, intercambio, combustível para a jornada, semana foi difícil e sexta estarei lá me nutrindo deste encontro... Ansiedade positiva para estar aqui novamente, pensando no show de talentos...Expectativa da reconexão...Aprender com a gente mesmo... fato da Débora não falar o quanto a gente acolhe e vai buscar novas formas de conectar e comunicar. A comunicação extrapola a fala... fazer o máximo para Incluir...Animada para o que estar por vir ...Sintonia, me reconectando com o grupo e agora estou plena...Ansiosa e o que vem depois de tudo que vivemos...”

Nesta atividade percebemos pelas falas acima citadas, que a expectativa era grande e como a abertura, a entrega estava visível. Precisávamos reconectá-los para o objetivo do dia, a finalização do projeto, show de talentos e celebração desta conquista.

Ouvimos todos os corações, em seguida para trazer a presença plena pedimos para formarem duplas e criarem uma forma de cumprimentar a outra dupla. Cada um com a sua criatividade estimulada pela música “Descobridora dos Sete Mares do Lulu Santos” cumprimentaram todas as duplas e sem seguida a dupla que recebeu o cumprimento tinha que imitar o movimento. No final estávamos todos nos divertindo dos movimentos genuínos e sinceros. Sentimos o espírito da criança reinando e sem barreiras para compartilhar o próximo momento: escuta ativa. Pedimos para que compartilhasse com o seu parceiro as seguintes perguntas:

Qual foi o melhor momento?

Por que foi significativo?

O que vc aprendeu?

Dividimos em duplas e um trio compartilharam seus aprendizados, suas experiências vivenciadas nesta jornada. E mais uma vez a escuta ativa ocorreu.

Figura 20 - Trocas de aprendizados



Fonte: Foto: Ana Beatriz Hosken Cunha - 2017

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar e escutar mais devagar, parar para sentir, sentir mais devagar, demorarse nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar

muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço. (BONDÍA, 2002, p.24).

Até aqui investimos em atividades que fortalecessem o com-tato, aplicamos atividades que permitiram a se reconectarem um com o outro. Praticar a escuta ativa, olhar nos olhos do outro, sentir o calor das mãos do outro na dança circular, rir com o outro, abraçar, respeitar o tempo do outro.

O autor Agostinho Minicucci ressalta a importância do conhecimento de si mesmo e dos outros para ter um relacionamento eficaz. Comportamentos como: ouvir, dialogar, informar, avaliar e até mesmo elogiar são aptidões que corroboram na compreensão e conscientização de si e do grupo (MINICUCCI,1982,p.10).

A comunicação é vital na integração, inclusão e desenvolvimento das pessoas. O processo de comunicação entre o emissor (emite a mensagem) e receptor (interpreta a mensagem) promove encontros e aprendizagens dos envolvidos.

Neste processo de comunicação o saber escutar é fundamental para que possamos nos conectar com o outro. Nestas atividades aplicadas exercitamos a escuta para que pudessem olhar para o outro sem barreiras, julgamentos ou rótulos. Não só olhar, como em algumas vezes se ver no outro, a probabilidade da história do outro ser semelhante à sua é alta.

Com o processo de comunicação nasce a convivência, desta convivência surgem os sentimentos, os vínculos que estabelecem a relação entre indivíduos. Esta experiência traz a percepção de que a vida é um encadeamento de relações, conexões entre o eu , o todo e o meio ambiente. Somos interdependes, somos incapazes de sobreviver sozinhos.

Galvani diz que:

“a autoformação exprime a ação de dar forma e sentido pessoal que articula diferentes fontes de formação: a existência, a experiência, a prática e os conhecimentos disponíveis no ambiente social” (GALVANI, 2002, p. 97).

As relações humanas nos proporcionam a auto formação, cada conexão estabelecida pode nos trazer desenvolvimento do pensamento, da inteligência, do espírito e da consciência.

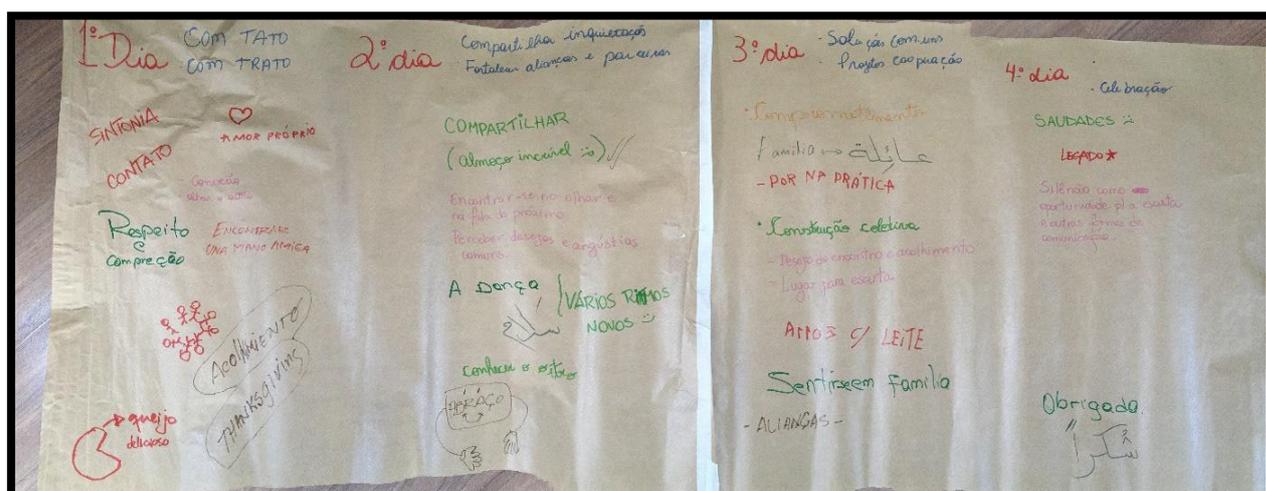
Estas trocas de experiências, de formação continuou com o grupo. Após praticarmos o processo de comunicação, a prática do com-tato reconectamos o grupo, trazendo a presença plena, e principalmente resgatamos a energia que tivemos nos dias anteriores. Com o sentimento de família aflorado convidamos o grupo para registrar na linha do tempo os momentos marcantes da jornada da pedagogia da cooperação, nesta jornada de autoformação. Neste momento praticamos a comunicação não verbal, em silêncio com caneta e papel expressaram o que ficou na memória nos 4 (quatro) dias.

Figura 21 - Construção da memória coletiva da jornada da Pedagogia da Cooperação



Fonte: Foto: Ana Beatriz Hosken Cunha - 2017

Figura 22 - Memória coletiva - a linha do tempo



Fonte: Foto: Ana Beatriz Hosken Cunha - 2017

Esta atividade estimulou a memória coletiva e a forma de se expressar por imagens. Permitiu resgatar momentos marcantes de aprendizado e de transformações vivenciadas nestes 4 (quatro) dias. Convidamos todos para formar o círculo em volta do nosso centro para compartilhar quais foram esses momentos, externalizar para o grupo como foi passear pela linha do tempo, escutamos as vozes do grupo:

- *Um momento especial foi compartilhar os nomes, pelo nome carregamos nossa história, momento de muita força e magia. Esse contato, parece banal, mas traz a conexão do quanto a gente carrega essa energia e força do nosso nome.*
- *O ritual do suco foi muito poderoso, beber o suco das virtudes. 4 ingredientes para as virtudes da cooperação: abertura para compartilhar, desapego, plena atenção e integridade e davam exemplo de como praticar esta integridade, foi forte e tangível esse momento.*
- *Ofertamos e recebemos massagem, dançamos, nos conectamos com a história do outro, em cada dia celebramos. Criamos rituais para honrar as nossas conquistas.*
- *Ficou marcado nesta jornada o regaste da nossa história de vida, a nossa bagagem, nossas vivências e as vezes não acessamos. Sinto que criamos oportunidade para acessar e compartilhar, como essa música arroz com leite, descobrir que existe outras versões em Cuba, Venezuela e Peru foi mágico.*
- *Somos de países diferentes e nos encontramos, nos conectamos pela música, pelas emoções, pelas histórias. Uma música de infância que muitos aqui cantaram quando criança teve o poder de trazer memórias e junto com elas a emoção vivida no passado.*
- *A abertura para compartilhar permite que eu traga o meu melhor e conseqüentemente o outro respeita e traz, também o seu melhor.*

Pineau afirma que a história de vida das pessoas permite organizar diferentes momentos, mesmo que seja a do outro, as experiências pessoais proporcionam conhecimentos para autoformação. (PINEAU,1988, p.7)

Em seguida passamos para a etapa de fortalecer as alianças e parcerias. Nesta etapa fortalecemos a confiança do grupo, com isso, despertamos comportamentos de cuidado com o outro, atenção com o outro, e principalmente o

respeito. A confiança nos faz acreditar no outro, nos permite a entrega sem medo, sem obstáculos.

Para vivenciar essa confiança, aplicamos o jogo João Confiança, em trio uma pessoa se movimenta de um lado para o outro com os olhos fechados e a dupla deverá segurar. Fizemos em trio e depois juntamos todos em uma única roda. Lembramos o tempo todo da importância e do cuidado com o outro, que a pessoa que está no meio é preciosa, um presente que merece nosso cuidado, carinho e atenção.

Foi tão natural o jogo, o sorriso estava estampado, ouvíamos risadas e sentíamos a tranquilidade das pessoas ao movimentar, a confiança dominava no grupo. Tivemos um participante com medo e imediatamente o grupo trabalhou para que medo fosse vencido.

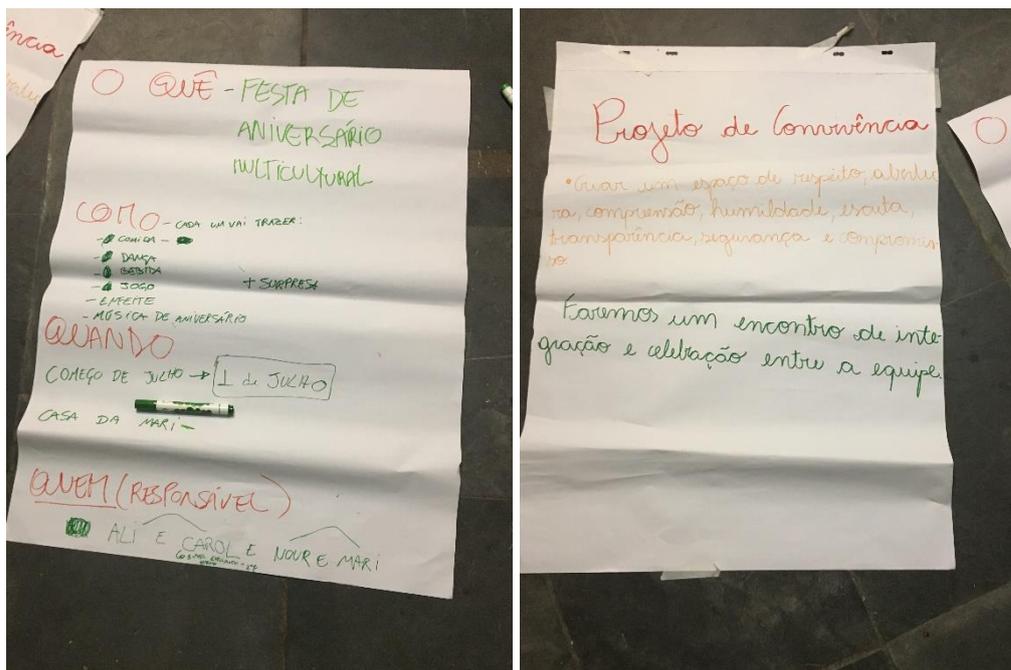
Figura 23 - Dinâmica João Confiança



Fonte: Foto: Ana Beatriz Hosken Cunha - 2017

As 5 práticas foram aplicadas Com-tato, Com-trato, Inquietações, Fortalecer parcerias e alianças, Soluções como-uns, chegou o momento de realizar projetos de cooperação. No último encontro o projeto de cooperação foi discutido entre o grupo, mas faltavam detalhes para determinar o como e o que, quem executar. Foi mais um momento de construção colaborativa. O projeto nasceu com responsabilidades, datas e ações.

Figura 24 - Projeto de Convivência do Abraço Cultural



Fonte: Foto: Ana Beatriz Hosken Cunha - 2017

Depois do nascimento do projeto, merecíamos um recreio para degustar as delicias preparadas com muito carinho e amor. Tinha milho cozido, queijo, goiabada, bolo e neste momento descobrimos que no Peru o milho é saboreado com queijo, enquanto que no Brasil colocamos sal e manteiga. Para eles foi um momento que ficou marcado, na linha do tempo a comida teve um grande significado.

Figura 25 - hora recreio coletivo



Fonte: Foto: Ana Beatriz Hosken Cunha - 2017

Os comentários nestes momentos eram sobre o show de talentos preparados pelo grupo, todos estavam ansiosos para saber o que cada um ia fazer. A animação tomava conta, preparativos, solicitação de músicas, papéis, canetas, tudo para fazer um show de talentos espetaculoso.

Tivemos show de mágica, dançarinos profissionais de salsa, cantores trazendo músicas da sua terra natal, aula express para falar em árabe, poemas declamados com amorosidade e emoção.. foram muitos talentos que estavam adormecidos e foram despertados.

Figura 26- Show de Talentos com mágica e leitura de poesia



Fonte: Foto: Ana Beatriz Hosken Cunha - 2017

Chegou o momento do encerramento, voltando para o nosso círculo em volta do centro. A colheita final foi especial, nestes 4 dias adubamos a terra, espalhamos fertilizantes, plantamos sementes, tivemos chuva, sol, vento, esperamos crescer e chegou o momento de colher os frutos. Esta colheita foi especial com vozes carregadas de emoção e sentimentos para que não acabasse esse momento tão mágico. Com o bastão da fala, escutamos sou...assim falei hey.. e o grupo responde hoy!!

- *Construímos um ambiente de escuta do outro e de nós mesmos e podemos ser quem somos. Estou levando um mosaico de cultura desta jornada e muito respeito por cada um de vcs que deixaram sua energia, sua força e um pouquinho de sua história e foi um prazer inenarrável Gratidão!! Vcs me transformaram em uma pessoa melhor e despertaram a vontade de buscar o meu melhor para encontrar o melhor de vcs.*

- *Gratidão!! Me senti como no dia de ação de graças- Thanksgiving (festa de gratidão a Deus)organizada para compartilhar alimentos e reunir famílias. Esta jornada mudou a visão que tenho de São Paulo, são poucas que dão abraço, acolhem e aqui fui abraçado, integrado. É um começo de uma fraternidade e vamos alimentar a confiança que construímos, mesmo com a distancia não vamos acabar esse sentimento de família unida. Somos como uma planta, temos que cuidar, regar e cuidar para que não morra.*

- *Sei que não é despedida eu odeio despedida.. obrigada por compartilhar esses dias comigo, graças a vcs , essa atenção e cuidado com todos estamos mais unidos.. somos mais amigos.. - Quero agradecer a todos ninguém passa na nossa vida por acaso, quando veio a oportunidade, fomos abraçados e abraçamos essa oportunidade. O incrível da pedagogia é essa troca, recebi muito mais, ninguém passa pela gente despercebido, gratidão imensa por essa jornada transformadora.*

Figura 27 - Em círculo compartilhamos nossos sentimentos desta incrível jornada



Fonte: Foto: Ana Beatriz Hosken Cunha - 2017

Encerramos esta jornada transformador com a dança circular kumbalawe.

Figura 28 - Família Abraço Cultural



Fonte: Ana Beatriz Hosken Cunha - 2017

Os encontros que a vida nos proporciona, gratidão!! See you soon...

Independente de ração, etnia, nacionalidade somos seres humanos com as mesmas necessidades, o pertencer, existir. A teoria de Maslow simplifica as condições necessárias para que possamos atingir satisfação pessoal e profissional. No terceiro nível da pirâmide temos as necessidades sociais, sentir que faço parte de um grupo, família, uma comunidade. Não nascemos para viver sozinhos, isolados, nascemos para interagir e cuidar de mim, do outro e do ambiente.

(...) a alteridade é a condição de possibilidade da pessoa humana. Somos o que somos porque o outro existe e sua existência nos afirma. A alteridade é esta fratura na existência humana, a ruptura com este mundo natural que se dá a partir da consciência do “outro”, da distinção e da separação que se

estabelece a partir daí. (MAKIUCHI, 2005, p. 29. Grifos do autor).

3 ANÁLISE DE DADOS DOS QUESTIONÁRIOS APLICADOS

Entendendo que a situação de refúgio ou migração do nosso público é uma questão de ordem complexa, achamos fundamental extrapolar a análise com base apenas no raciocínio linear e incluir dados que contribuíssem para uma visão sistêmica, com informações sobre o contexto físico, intelectual e emocional dos participantes antes e após a aplicação da Pedagogia da Cooperação.

“A consciência e o sentimento de pertencermos à terra e de nossa identidade terrena são vitais atualmente. A progressão e o enraizamento desta consciência de pertencer a nossa pátria terrena é que permitirão desenvolvimento, por múltiplos canais e em diversas regiões do globo, de um sentimento de religião e intersolidariedade, imprescindível para civilizar as relações humanas (ONGs, Sobrevivência Internacional, Anistia Internacional, Greenpeace etc.) são pioneiros da cidadania terrena). Serão a alma e o coração da segunda globalização, produto antagônico da primeira, que permitirão humanizar essa globalização.” (MORIN, EDGAR; 2003, p.73)

Escolhemos, então, realizar entrevistas individuais mediante questionários, sendo um questionário inicial e um questionário final (vide apêndices).

Adotamos a análise por questão, trazendo nossos insights a partir do conjunto de respostas relacionadas a cada pergunta. Não temos a pretensão de esgotar as interpretações e nesse sentido. As transcrições de todas as respostas dos questionários constam no tópico apêndice, possibilitando que cada leitor formule sua própria síntese.

Nesse sentido, escolhemos trazer a percepção do público, incluindo a análise do conteúdo de questionários obtidos ao final dos quatro dias de aplicação da Pedagogia da Cooperação, considerando as respostas do questionário inicial.

Analisando as respostas à pergunta sobre os insights e/ou mudança que a jornada da pedagogia da cooperação trouxe na relação consigo mesmo (vida pessoal e profissional):

“Aprendi com vocês como chegar no fundo das pessoas, deixar eles se sentirem mais confortáveis comigo.”

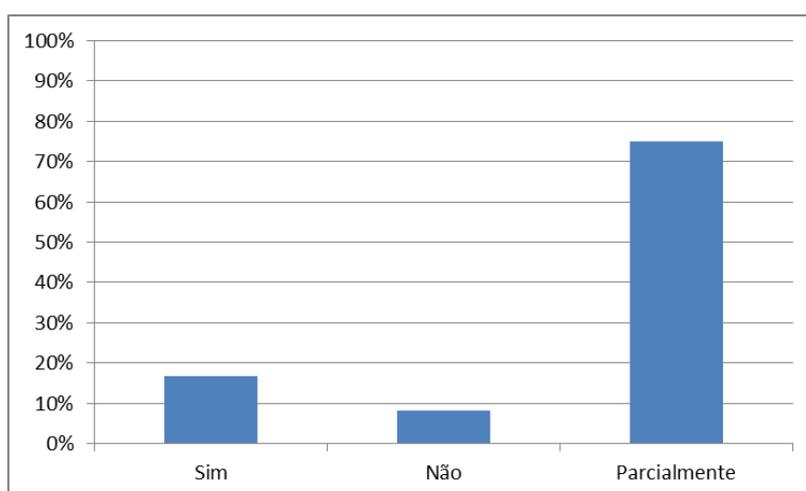
“Uma sensação de segurança, um sentimento de confiança porque não me sinto sozinho para os novos desafios. Foi uma espécie de poder que acessei para começar de novo.”

“Reflexão sobre minha posição/interação com os outros no Abraço. Iniciativa e confiança para me expressar mais e abertamente”

Notamos que a experiência aflorou o princípio de Cooperação, trazido por Fábio Brotto através de Humberto Maturana “como uma característica de vida cotidiana fundamentada na confiança e no respeito mútuo” (BROTTO; 2016 p. 8).

O que fica ainda mais evidente quando correlacionamos com as respostas dadas no questionário inicial a respeito da aplicação do potencial de cada um no Abraço Cultural:

Figura 29 - Gráfico do resultado questionário inicial aplicado



83% responderam que aplicavam parcialmente ou não aplicavam seu potencial no Abraço Cultural.

“Apesar de sempre tentar dar o meu melhor, acredito que as vezes a falta de confiança ou desmotivação causada por falta de reconhecimento acaba afetando o desempenho.”

“Ainda não chegou o momento ou oportunidade para isso.”

“Sempre podemos aprender e contribuir mais. Sinto que ainda tenho muito a contribuir, só preciso achar os espaços.”

Percebemos claramente também, a tomada de consciência do poder do si, a diferença nas respostas denota que reconhecem a possibilidade de retroagir sobre o ambiente físico e social em que estão inseridos, não reagirem apenas.

A compreensão da nossa interdependência e o sentimento de pertencimento à uma comum-unidade Abraço Cultural ganham força em respostas a pergunta sobre os insights e/ou mudança que a jornada da pedagogia da cooperação trouxe na relação com os outros professores e funcionários em geral:

“Conhecer mais os outros professores, sobre a vida deles. E agora nós estamos como uma família.”

“Que cada um tem a sua própria história de vida e aprendi mais como ouvir a qualquer um com respeito e conseguir em cada um a força que às vezes preciso para seguir em frente.”

“Cooperação, amor e compreensão.”

“Relações mais próximas, para além do trabalho. Me senti incluída, escutada.”

Como destacado por Brotto (BROTTO; 2016 p.5) “Saber-se Interdependente é antes de tudo, renovar a visão que se tem sobre as diferentes relações que são estabelecidas com os outros. É exercitar o olhar, com vistas a outras óticas e assim, renovar a Ética de Comum-Unidade no cotidiano.”

As respostas que obtivemos para a *pergunta* “*Quais os insights e/ou mudanças que a jornada da Pedagogia da Cooperação trouxe na sua relação com os familiares, amigos* que a Cooperação é um processo que permite a construção de relações que fortalecessem a amizade, a confiança, o respeito pelas diferenças, amor, paciência, entendimento, escuta e plena atenção; uma oportunidade para gerar fortes vínculos com a gente mesmo e com o outro.

“*Existe mais confiança com os amigos. Creio na nossa amizade*”.

“*Ser paciente com o caminho escolhido por cada um*”

“Gosto de perceber como as pessoas que eu cultivo perto acreditam no meu trabalho”

“Praticar a escuta e principalmente a plena atenção. Algo que é um desafio pessoal e que preciso trabalhar muito”.

Neste processo de heteroformação onde nos transformamos e nos legitimamos no encontro com o outro, demos muita importância e espaço para o compartilhar das histórias de vida de cada participante. Com isso, podemos perceber que a Pedagogia da Cooperação é uma ferramenta poderosa para criar um campo de confiança e respeito onde podemos e sentimos vontade de reviver e “apresentar” a nossa biografia. As histórias de vida compartilhadas são oportunidade de autoformação.

Segundo Gaston Pineau “Permitindo aos sujeitos reunirem e ordenarem os seus diferentes momentos de vida espalhados e dispersos no decurso dos anos, a história de vida os faz construir um tempo próprio que lhes dá uma consistência temporal específica. A construção e a regulação desta historicidade pessoal são talvez as características mais importantes da autoformação”. (PINEAU, 2008, p.19).

“Senti mais saudade da minha família, porque vocês trouxeram o espírito da família para mim.”

“Amor, paciência, cooperação, entendimento”.

Com os depoimentos acima percebemos que o processo trabalhou vários níveis de consciência e reflexão fazendo emergir o entendimento do eu de uma forma mais profunda e integrada. Podemos dizer que Segundo Galvani

“O círculo reflexivo da autos não designa apenas o indivíduo ou o eu psicológico, mas também a pessoa, concebida como lugar de relação e o sujeito consciente. A reflexividade da autos remete a uma pluralidade de níveis de consciência e de atualização da originalidade pessoal. Poderíamos definir

provisoriamente a autos como uma consciência original emergindo e retroagindo sobre os processos que a fizeram nascer”. (GALVANI, 2002, P.4)

“Sentir que fui escutado, fui aceito e não fui discriminado. Tudo que vocês fizeram nesses dias, fizeram eu me sentir uma pessoa”.

Esta resposta de um professor a pergunta “Qual a maior joia, reflexão ou presente que você leva dessa jornada”, percebemos a contribuição da Pedagogia da Cooperação para a humanizar o processo, com isso, podemos observar o que Gaston Pineau nos fala sobre o “nascimento do sistema-pessoa.

“A autoformação nas suas fases últimas corresponde a uma dupla apropriação do poder de formação; é tomar em mãos este poder - tornar-se sujeito -. Mas é também aplicá-lo a si mesmo: tornar-se objeto de formação para si mesmo. Esta dupla operação desdobra o indivíduo num sujeito e num objeto de um tipo muito particular, que podemos denominar de auto-referencial. Este desdobramento alarga, clarifica e aumenta as capacidades de autonomização do interstício, do intervalo, da interface entre a hetero e a ecoformação que é, ao princípio, o indivíduo. Cria-se um meio, um espaço próprio, que oferece ao sujeito uma distância mínima que lhe permite tornar-se e ver-se como objeto específico entre os outros objetos, diferenciar-se deles, refletir-se , emancipar-se e autonomizar-se: numa palavra, autoformar-se. Nasceu o sistema-pessoa (G. Lerbert, 1981, 1984, PINEAU, 2008, p.3)”.

“Gratidão”.

“Conhecer vocês e todos os professores bem”.

“Acolhimento”

“Poder ficar mais ciente da importância da integração dos imigrantes em novas fronteiras”

Com esse trabalho, observamos que as “sementes” deixadas pelo processo da Pedagogia da Cooperação certamente são passíveis de “germinar” com a criação de um ambiente onde podemos ser quem somos para construirmos o que sonhamos juntos. Quando há entrega, respeito, confiança a metodologia da Pedagogia da Cooperação pode proporcionar um processo intenso de autoformação.

Analisando o conjunto de respostas do questionário inicial, fica claro que o Abraço Cultural vive o seu propósito e é um território transcultural de respeito às diferenças, reconhecido pelos refugiados como ponte de diálogo e inclusão à sociedade brasileira e símbolo de família. A inclusão promovida pelo abraço vai além do aspecto monetário.

O que percebemos é que após a aplicação da pedagogia da cooperação os laços se aprofundaram entre o grupo de professores e entre os professores e coordenadores, a partir do re-conhecimento e legitimação da história pessoal de cada um e de sentimento de comum-idade.

“A questão da construção ou reconstrução do laço social é especialmente sensível ao momento em que os grupos humanos implodem, cancerizam-se, perdem seus pontos de referência e vêem suas identidades se desagregar. É urgente explorar outras vias além da “inserção” por meio de um trabalho assalariado em vias de rarefação. E da mais alta necessidade trilhar outros caminhos quando a produção de comunidade por pertença étnica, nacional ou religiosa conduz aos sangrentos impasses que conhecemos. Basear o laço social na relação com o saber consiste em encorajar a extensão de uma civilidade desterritorializada, que coincide com a fonte contemporânea da força, ao mesmo tempo em que passa pelo mais íntimo das subjetividades.” (LEVY; 1998, p.26)

3.1 ACONTECIMENTOS PÓS APLICAÇÃO DA METODOLOGIA

Como um resultado preliminar, ainda durante o percurso das sete práticas da Pedagogia da Cooperação fomos contatadas pelo Abraço Cultural do Rio de Janeiro para desenvolver uma oficina para o seu grupo de professores e coordenadores, o que nos deixou seguras do caminho que estávamos percorrendo com o Abraço Cultural de São Paulo. O interesse surgiu a partir dos comentários dos coordenadores que integravam o público participante da aplicação do nosso Trabalho de Conclusão de Curso.

Já como projeto resultante da jornada completa pela Pedagogia da Cooperação, no dia 01 de julho deste ano de 2017, aconteceu a Festa Multicultural-Projeto de Convivência organizada e realizada pela equipe Abraço Cultural, este envolvia todos que participaram da jornada de aplicação da Pedagogia da Cooperação, e o propósito desse evento foi estreitar ainda mais os laços e a convivência entre eles, Professores e Coordenadores, compartilhando talentos e sabores (comidas e danças típicas) de cada nacionalidade presente.

Esta festa é fruto do *Projeto de Convivência*, que nasceu a partir do sonho coletivo comum do grupo (e nasceu no penúltimo dia da aplicação da jornada, durante as práticas das soluções como-uns e realização de projetos).

Neste evento também estavam presentes professores e outros funcionários do Abraço que não participaram da jornada de aplicação da Pedagogia da Cooperação. Obviamente a presença não era obrigatória, o evento foi em um sábado. É significativo ter a presença deles e de outros membros que eles convidaram e mobilizaram para o evento.

O local estava um capricho, aproveitaram a ocasião para celebrar os dois anos de vida da ONG Abraço Cultural. Naquela mesa novamente o afeto, a boa convivência e o cuidado estavam presentes na rica troca e oferta de saberes e sabores. Um dos professores de origem síria levou os pratos típicos de lá, esfihas, kibes, pão sírio, feitos carinhosamente por ele. Uma professora peruana preparou alfajores peruanos e o Chica Morada, suco do milho roxo.

Uma das coordenadoras do Abraço levou os brigadeiros artesanais que sua mãe cozinha. Teve também as balinhas da Nigéria, que um professor nigeriano levou. Além do cuidado e talentos manifestos na forma de comida, teve danças circulares típicas da Síria, salsa com o professor venezuelano do Abraço. Teve danças africanas também.

A realização desse evento pelo grupo é uma entrega concreta e palpável de um grupo que realiza o VenSer juntos. Em algum nível esse grupo acessou o poder que tem de reunir talentos, criar e realizar projetos juntos, em cooperação. Se a essência da pedagogia da cooperação é criar ambientes mais felizes, com relações saudáveis e sustentáveis, podemos observar que essa essência se materializou nesse evento.

Figura 30 - Comemoração de 2 anos do Abraço Cultural



Fonte: Foto: Beatriz Cardoso - 2017

Neste mesmo dia tivemos de dois professores que participaram da jornada depoimentos sobre de forma a jornada repercutiu nas suas vidas, quais os aprendizados. E abaixo estão transcritos os depoimentos, que também subimos para youtube. Nos anexos constam os links.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

“O pensamento complexo pratica o abraço e se prolonga na ética da solidariedade.” Edgar Morin

Exercer o papel de pedagoga da cooperação nesse final de ciclo de formação da Pós, é como um rito de passagem, um espelho d'água, em que ao mesmo tempo que bebemos da fonte nos vemos refletido, num reflexo volúvel expansivo, não estático, que nos faz refletir sobre a imagem que se apresenta. E são muitas as reflexões e insights que me aconteceram nessa jornada.

Um dos insights, é que o próprio tipo de pesquisa proposto para o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), a pesquisação, é por si só, um processo de cooperação e de autoformação, que afeta a todos os envolvidos e é afetado por estes: público e investigadores. O investigador, que se encontra imerso na experiência, como facilitador do percurso ou apoiador da jornada de aprendizagem, impacta e interfere diretamente no seu objeto de pesquisa. Os resultados da pesquisa, nascem dessa interação do público-alvo com o investigador e das interações interpúblico provocadas pelo processo.

No exercício de investigadora e mestre-aprendiz, interagi com os professores e coordenadores do Abraço Cultural, com o meu grupo e com o próprio espaço, e também retroagi à esses meios social e físico, conscientizando-me da modificação que essa vivência provocou em minha estrutura interna, experimentando em mim as relações da Pedagogia da Cooperação com a autoformação. Penso que operar a Pedagogia da Cooperação é trilhar um percurso interior de descobertas e reestruturação em relação e reação às reestruturações provocadas pela vivência das sete práticas no público. Entendendo que esse percurso se dá a partir de um lugar diferente das descobertas do público, o lugar de facilitador.

E foi desse lugar de facilitadora, investigadora em permanente reestruturação que tomei consciência das relações entre a Pedagogia da Cooperação e a autoformação do grupo Abraço Cultural, chegando à algumas conclusões à respeito dessa questão, que foi a pergunta de pesquisa do trabalho do meu grupo.

Contudo, é preciso destacar o contexto do grupo antes da nossa aplicação: um espaço de natureza inclusiva, concebido para promover a inserção social de refugiados, que tem por essência a valorização das diversas culturas. Se por um lado, esse modo de ser do Abraço apoia uma nova lógica de cidadania, para além das fronteiras físicas e psíquicas, uma cidadania terrena, apontada por Edgar Morin (MORIN, 2003, p.73) como a alma e o coração de um movimento de humanização da globalização. Por outro lado, vivemos uma era de transição, e mesmo com esse outro nível de consciência do Abraço Cultural, estamos todos aprendendo a exercer essa nova cidadania de seres planetários. Até aqui, nossa formação se deu com predominância da competitividade, individualismo e do raciocínio linear, este último, como destacado por Humberto Mariotti “nos convenceu de que observamos um mundo do qual não participamos diretamente” (MARIOTTI, 2000 p.,96). Essa não participação apontada por Mariotti, nos foi trazida pela coordenação pedagógica do Abraço como uma questão de comprometimento dos professores refugiados com as reuniões de docência.

E nesse terreno fértil a cooperação e ao mesmo tempo carente de sentido de grupo, aplicamos a Pedagogia da Cooperação. Não por acaso, as práticas de Com-Tato e Fortalecer Alianças e Parcerias ganharam maior espaço ao longo da jornada, conferindo fluidez e organicidade à sequência das sete práticas. Respeitar o tempo demandado pelo grupo para esses momentos, foi determinante para a qualidade da conexão criada. Compreendi que co-operar essa Pedagogia junto com o público é o que traz potência para a experiência de aprendizagem.

Mesmo retomando essas duas práticas por diversas vezes, conferimos um fluxo crescente ao percurso. A cada novo dia, aprofundamos a conexão consigo, com o outro e com o Abraço, reestabelecendo o com-tato com muito tato, principalmente através da partilha das histórias. Ao criarmos um território propício a abertura para compartilhar as histórias de vida, foi construído um elo entre passado e futuro, consciente e inconsciente e resgate da auto-estima e identidade pessoal e cultural individual e coletiva, promovendo a auto-formação desse grupo. Segundo Pineau (PINEAU; 2008, p.7) “a construção e a regulação desta historicidade pessoal são talvez as características mais importantes da autoformação”.

Essa troca de histórias pessoais permitiu re-conhecer o outro como uma identidade de saber (LEVY; 1998 p.28). Reconhecer é legitimar a humanidade que

há em mim e no outro. É portanto, um exercício de dignidade, pois quando nego que o outro sabe é o mesmo que “recusar-lhe sua verdadeira identidade social, é alimentar seu ressentimento e sua hostilidade, sua humilhação, a frustração de onde surge a violência.” (LEVY; 1998 p.29).

Pensando no contexto de situação de refúgio de boa parte do nosso público, ter criado esses espaços para que as histórias brotassem, apoiou a afirmação positiva de cada um, contribuindo para uma construção de uma cidadania para além das fronteiras de países e como um ato de comunhão, permitiu a cura através da história daquele que vive os mesmos desafios que “eu” vivo. Nas palavras de Clarissa Pinkola Estes, as histórias são verdadeiros bálsamos medicinais:

“Espero que vocês saiam e deixem que as histórias lhes aconteçam, que vocês as elaborem, que as reguem com seu sangue, suas lágrimas e seu riso até que elas floresçam, até que você mesmo esteja em flor. Então, você será capaz de ver os bálsamo que elas criam, bem como onde e quando aplicá-los.” (ESTES; 1994 p.342)

Ficou claro para mim, que somos o tecido de nossas histórias, Dar voz a elas é trans-bordar-se. Escutar é remendar-se. Somos costureiros desse Te-Ser individual e coletivo/planetário.

Um ingrediente precioso para criar todo esse campo de abertura para compartilhar foi a confiança trabalhada em diversos momentos que vivemos do Fortalecer Alianças e Parcerias. A cada atividade, mais evidente ficava aquilo que estava no centro, que era comum ao grupo, a importância de sentir parte, reduzindo a distância entre coordenação e professores, “apertando” aquele Abraço que encontramos no início. Percebi nitidamente, que a qualidade do que se vive em uma prática impacta diretamente nas demais. A sequência das sete práticas funcionam como uma espiral de formação individual e do grupo.

Durante a prática de criar projetos de cooperação, experimentamos a dificuldade da realização e concretização das ideias e o quanto de energia é necessária para esse momento. Nossa preocupação com o tempo nos fez avançar mesmo com todos cansados. E aqui o aprendizado foi que talvez chegássemos a um outro resultado ou ao mesmo com menor esforço se tivéssemos decidido encerrar o dia após a prática de reunir soluções comuns e retomar os projetos no outro dia. Percebi fortemente que o grupo, em certa medida, é um reflexo dos

facilitadores, e nesse sentido, é preciso cuidar da nossa energia para prover a energia que o público necessitará. Por ser um momento delicado, que gera expectativas em todos os envolvidos, penso que a escolha da metodologia para facilitar esse processo é um ponto sensível.

Desse processo não fácil, surgiu o projeto de com-vivência do grupo, ainda sem forma, mas com sua essência definida. Eles queriam continuar o que iniciamos ali: a se re-conhecerem, a estreitarem os laços e operarem como grupo.

Aproveitando a fluidez da Pedagogia da Cooperação, durante nosso último dia de aplicação, antes de revisitarmos o projeto de cooperação para aprofundá-lo com questões de ordem prática, re-vivemos o com-tato criando uma retrospectiva coletiva e re-fortalecemos alianças e parcerias. Ter feito esse percurso favoreceu a rapidez com que definiram como fazer o projeto de com-vivência: surgiu uma Festa Multicultural, com data, convite e menu.

Celebramos nossa jornada com a atividade de show de talentos, em que cada um é convidado a trazer o seu melhor, um presente seu para compartilhar com o grupo. Uma experiência de respeito e interesse pelo outro, a formação da identidade coletiva a partir da diversidade individual.

Posso dizer que o sentimento de pertença emergiu fortemente no grupo, potencializando a consciência de Comum-idade: consigo mesmo, com os outros (professores com professores e professores com coordenadores) e com o território. Acredito que a vivência dessa jornada de cooperação, ampliou a consciência individual e coletiva da participação e contribuição efetiva de cada um na construção do “Abraço” desejado. Essa autonomização foi se revelando ao longo de todo o processo, e, particularmente, nas reflexões surgidas após a prática do Com-trato (da importância de fazer acordos, de declarar o que é importante para nos sentirmos parte) e de Criar Projetos de Cooperação, que deu origem à Festa Multicultural, idealizada, planejada e realizada pelo grupo 20 dias após a vivência da Pedagogia.

A autoformação em curso, pode ser aqui evidenciada, a tomada de consciência de que o indivíduo é o palco da verdadeira mudança. A forte relação da Pedagogia da Cooperação com a autoformação também pode ser percebida nos princípios adotados como fundamento das atividades aplicadas: Co-Existência – sentido de interdependência; Com-Vivência – legitimação do outro; Cooperação – confiança mútua e Comum Unidade – espírito de grupo. Eles reforçam a perspectiva

antropológica da formação, que percebe esta como a tomada de consciência dos impactos que as interações com outro e com o mundo causam no “eu” e como o “eu” é capaz de retroagir sobre os outros e o ambiente.

Outro ponto que interliga a autoformação como consequência do percurso da Pedagogia da Cooperação é honrar alguns procedimentos essenciais desta, como círculo e centro, elementos de ordem simbólica, que imprimiram à nossa jornada, o caráter transcultural da autoformação. Diferente da semiótica, o símbolo é uma potência semântica que favorece a comunicação e a formação, segundo Galvani ele “tem a capacidade de significar uma mesma ideia conforme todas as ordens possíveis de realidade, pois nenhuma delas é, a priori, designada como ordem de referência objetiva.” (GALVANI; 2002, p.11). A dança circular foi um elemento muito poderoso na construção do sentimento de grupo, sendo usada para expressar e compartilhar costumes de diferentes culturas, não foi preciso explicar, apenas dançamos. Contribuíram ainda mais para essa abordagem transcultural as rodas de conversa promovidas durante as práticas, funcionando como verdadeiros círculos de palavra transcultural, onde não se busca uma explicação única e sim a exploração de diversos significados, em que cada um descobre os significados por si mesmo, através das suas produções ou na dos outros. (GALVANI; 2002, p.15)

Portanto, a abordagem transdisciplinar da autoformação é potencialmente transcultural, no sentido em que ela abre a possibilidade de explorar a experiência da formação em se abrindo para o que está entre, além e através de todas as culturas” (GALVANI; 2002, p.16)

Vivi a potência trans-formadora da Pedagogia da Cooperação e entendo que seus princípios, práticas, processos e procedimentos promovem a autoformação de todos os envolvidos no processo. Eu, Ana Beatriz, Beatriz e Patrícia saímos transformadas desse processo, o que compartilhamos ficará para sempre na minha história de vida. Um processo profundo, um percurso de aprendizagem que se dá de dentro pra fora, que amplia a nossa consciência de seres planetários e da nossa interdependência. Uma Pedagogia do Ser, que nos convida a assumir nosso protagonismo na vida e a responsabilidade pela construção desse mundo sem fronteiras e solidário que acreditamos. Para mim então, Abraçar a Pedagogia da Cooperação como processo de formação é uma poderosa maneira de conceber a

nova lógica das relações humanas, para o nascimento de uma comum-idade terrena.

“Assim, devemos contribuir para a autoformação do cidadão e dar-lhe consciência do que significa uma nação...Uma tal formação deve permitir enraizar, dentro de si a identidade nacional, a identidade continental e a identidade planetária. Somos verdadeiramente cidadãos, dissemos, quando nos sentimos solidários e responsáveis. Solidariedade e responsabilidade não podem advir de exortações piegas nem de discursos cívicos, mas de um profundo sentimento de filiação (affiliare, de filius, filho), sentimento matripatriótico que deveria ser cultivado de modo concêntrico sobre o país, o continente, o planeta.” (MORIN; 2003 p.74)

5 APENDICES

5.1 QUESTIONÁRIOS APLICADOS

5.1.1 QUESTIONÁRIO APLICADO NO INICIO DA METODOLOGIA

Dados pessoais (opcional): Nome, Nacionalidade e Idade

1. O que te trouxe ao Brasil?
2. O que você aprecia no Abraço Cultural?
3. O que o Abraço Cultural precisaria ter para ser um projeto 100% seu?
4. Como é a sua relação com as pessoas do Abraço Cultural? Conte um pouquinho.
5. Quais os aprendizados que você tem tido no Abraço Cultural?
6. Você tem aplicado todo o seu potencial no Abraço Cultural?
()Não ()Sim ()Parcialmente- justifique
7. Quais competências você gostaria de desenvolver ou aprimorar?
(comunicação, relacionamento, planejamento, pró-atividade, iniciativa, realização..etc)Conte um pouquinho.

5.1.2 QUESTIONÁRIO APLICADO NO FINAL DA METODOLOGIA

Após essa jornada estamos interessados em saber de que forma esta refletiu na sua vida e na sua relação com a instituição como um todo, (convivência com as pessoas, consigo mesmo, com a sua função, com os alunos).

1. Quais os insights e/ou mudanças que a jornada da pedagogia da cooperação trouxe na sua relação com:
 - a) Consigo mesmo (vida pessoal e profissional)?
 - b) Com os outros professores e funcionários em geral?
 - c) Com a Instituição?
 - d) Com os seus alunos?
 - e) Com familiares, amigos?
2. Qual a maior jóia, reflexão, ou presente que você leva dessa jornada?

5.2 MODELO DE AUTORIZAÇÃO DE IMAGEM

A U T O R I Z A Ç Ã O

Eu, _____, portador(a) de cédula de identidade nº _____, autorizo a _____ a veicular minha imagem para fins didáticos, de pesquisa e divulgação de conhecimento científico realizada por alunas da pós graduação em Pedagogia da Cooperação, sem quaisquer ônus e restrições.

Fica ainda autorizada, de livre e espontânea vontade, para os mesmos fins, a cessão de direitos da veiculação, não recebendo para tanto qualquer tipo de remuneração.

Cidade, _____ de _____ de 2017.

Ass. _____

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Magda, Como escrever Teses e Monografias- Um roteiro passo a passo, 3ª edição, Rio de Janeiro, Editora Campus, 2003.

ACNUR,2017, disponível em <http://www.asav.org.br/refugiado-ou-migrante-acnur-incentiva-a-usar-o-termo-correto/> , acessado em 20/08/2017).

BARBOSA, E. F. & MOURA, D. G. Metodologias ativas de aprendizagem na Educação Profissional e Tecnológica. B. Tec. Senac, Rio de Janeiro, v. 39, n.2, p.48-67, maio/ago. 2013.

BOFF; Leonardo, Saber Cuidar ética do humano- compaixão pela terra, Rio de Janeiro, Editora Vozes,1999.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Tradução de João Wanderley Geraldi. Revista Brasileira de Educação. Jan/Fev/Mar/Abr, nº19, 2002.

BROTTO; Fábio, A Pedagogia da Cooperação para um mundo onde todos possam Venser, Pós Graduação em Pedagogia da Cooperação & Metodologias Colaborativas, UNIP, São Paulo, v4.4, 2016.

FAUSTO, Lili, LEONCI, Andrea, Apostila de Danças Circulares, São Paulo, Pós Graduação em Pedagogia da Cooperação & Metodologias Colaborativas, UNIP, São Paulo, 2016.

GALVANI, Pascal, A Autoformação, uma perspectiva transpessoal, transdisciplinar e transcultural, Artigo publicado em Educação e transdisciplinaridade II, São Paulo, Triom/UNESCO, 2002,pp. 95-121.

Gil, Antônio Carlos, Como elaborar projetos de pesquisa,3ª edição, São Paulo, Editora Atlas, 1996.

GODOY, Arilda Schmidt, Pesquisa Qualitativa Tipos Fundamentais, São Paulo, Revista de Administração de Empresas, 1995.

LEVY , Pierre, Inteligência Coletiva, 5º ed., São Paulo, Editora Loyola, 2007.

MAKIUCHI, Maria de F. Rodrigues. Alteridade. In ENCONTROS e caminhos: formação de educadoras (es) ambientais e coletivos educadores. Coautoria de Luiz Antonio Ferraro Junior. Brasília, DF: Ministerio do Meio Ambiente, 2005, p. 27 – 35.

MARIOTTI, Humberto. As paixões do ego. Complexidade, política e solidariedade. São Paulo: Palas Athena, 2000.

MINICUCCI, Agostinho, Relações Humanas, 3º ed., São Paulo, Editora Atlas, 1982.
Ministério da Justiça e segurança pública, 2017, disponível em <http://www.justica.gov.br/noticias/brasil-tem-aumento-de-12-no-numero-de-refugiados-em-2016> - acessado em 13/11/2017.

MORIN, Edgar; A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento, 8ª edição, Rio de Janeiro, Editora Bertrand Brasil, 2003.

PINEAU, Gaston, A Autoformação no decurso da Vida, artigo publicado em Fonte: <http://www.cetrans.com.br/genericod660.html?iPagelId=134>, 2008.